

A background image showing a dynamic splash of water against a light blue sky, with water droplets and ripples visible.

Ser e tempo

A desconstrução da metafísica

Editorial

”Heidegger nunca enunciou, mas acredito que ele deveria aceitar: lembrar o ser (para tentar sair da metafísica) significa somente lembrá-lo como já-sempre ter ido embora; como Deus que se mostra a Moisés somente de costas. Portanto, pensar o ser não é uma experiência de presença cheia, de verdade luminosa; se levarmos em consideração que, para Heidegger, a metafísica (esquecimento do ser) é a história do ser, então o ser tem uma história que é sempre de diminuição, de esquecimento, de ”fraqueza”...” A afirmação é de Gianni Vattimo, filósofo italiano, que mais uma vez nos brinda com uma instigante entrevista, sobre Martin Heidegger, nos seus trinta anos de falecimento e quase oitenta anos da sua obra fundamental *Sein und Zeit* ”Acredito que Heidegger começou o seu ”erro” nazista quando deixou de meditar sobre São Paulo e começou a mitificar Hölderlin”, é outra contundente afirmação do filósofo do *pensamento fraco*.

Assim damos continuidade ao tema de capa da edição número 185, ”o século de Heidegger”, publicando as entrevistas de João Augusto Anchieta Amazonas Mac Dowell, professor de Filosofia da FAJE em Belo Horizonte, dos filósofos Emmanuel Carneiro Leão, ex-aluno de Martin Heidegger, Rafael Haddock-Lobo e Écio Elvis

Pisetta. Também publicamos uma entrevista com William J. Richardson, do Boston College. Ele foi o destinatário de uma célebre carta de Martin Heidegger.

A economista pernambucana Tânia Bacelar analisa a política econômica brasileira, e o escritor mexicano Carlos Montemayor reflete sobre o significado da eleição presidencial mexicana.

O Homem Urso, de Werner Herzog, é o filme da semana que destacamos nesta edição.

A todas e todos uma excelente leitura e uma ótima semana!

Leia nesta edição

Editorial pg. 2

Tema de capa

Entrevistas

- Gianni Vattimo:** O nazismo e o « erro » filosófico de Heidegger **pg. 4**
Emmanuel Carneiro Leão: Heidegger e a influência do cristianismo **pg. 8**
João Augusto Mac Dowell: A busca pelo sentido do ser **pg. 12**
William Richardson: Heidegger e a subjetividade **pg. 23**
Rafael Haddock-Lobo: A desconstrução em Heidegger, Lévinas e Derrida **pg. 33**
Écio Elvis Pisetta: « A filosofia heideggeriana é destrutiva e construtiva » **pg. 38**

Brasil em Foco

Tânia Bacelar: Só o desmonte da máquina de desigualdade pode mudar o Brasil **pg. 42**

Destaques da semana

Entrevista da Semana:

Armando Lopes de Oliveira: Vaz e a filosofia da natureza **pg. 47**

Análise de Conjuntura:

Carlos Montemayor: Os dois caminhos do México **pg. 51**

Memória:

Reyes Mate: José María Mardones, filósofo da religião **pg. 55**

Filme da Semana:
O homem urso **pg. 56**

Deu nos jornais:
pg. 60

Frases da Semana:
pg. 61

Destaques On-Line:
pg. 63

IHU em revista

Eventos
pg. 66

Sala de Leitura
pg. 67

IHU Repórter
pg. 68

Errata
pg. 71

O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger

Entrevista com Gianni Vattimo



“Autenticidade significa co-responder à chamada do ser; mas o ser assim entendido é também a própria comunidade, a sociedade na qual se vive, etc. Também por isso Heidegger se empenhou com Hitler, errando. Mas devemos pensar que naqueles anos Lukacs e Bloch estavam com Stalin, Giovanni Gentile com Mussolini...”. As afirmações são do filósofo italiano Gianni Vattimo, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, explicando as relações entre o filósofo Martin Heidegger e o nazismo.

Essa é a quarta entrevista exclusiva que Vattimo concede à *IHU On-Line*. A primeira foi publicada na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003 sob o título *O cristianismo é a religião do pós-moderno*, a segunda na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004 sob o título *“Deus é projeto, e nós o encontramos quando temos a força para projetar...”*, e a terceira saiu na edição 161, de 24 de outubro de 2005, quando recebeu pessoalmente a *IHU On-Line*, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Nessa oportunidade, ele falou sobre *“O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo”*. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º de novembro de 2004, sob o título *Garzantina di filosofia*, um artigo na edição 53, de 31 de março de 2003 sob o título *A guerra pelos direitos humanos?* e outro no número 80, de 20 de outubro de 2003, sob o título *Democracia, killer da metafísica*. A editoria *Livro da Semana*, na edição 149, de 1º de agosto de 2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala.

Vattimo nasceu em Turim, em cuja universidade se formou em Filosofia e na qual ministra aulas até hoje. Coursou uma especialização na Universidade de Heidelberg (Alemanha) e teve algumas passagens por universidades americanas como professor visitante. Foi deputado no Parlamento Europeu, integrando várias comissões, como as de cultura, educação e justiça, entre outras. Estudioso do pensamento de Nietzsche, Heidegger e Gadamer, Vattimo é conhecido como o mentor do “pensamento fraco”. De sua produção intelectual, destacamos, *Credere di Credere* (Milano: Garzanti, 1996 (traduzido para o português), *Dopo la cristianità. Per um*

crístianesimo non religioso. Milano:Garzanti, 2002 (traduzido para o português), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996; *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

IHU On-Line - Como Heidegger ajuda a entender o enfraquecimento das estruturas do ser na pós-modernidade?

Gianni Vattimo - A concepção da diferença ontológica - que Heidegger começa a desenvolver em *Ser e Tempo*¹ - significa que o ser não deve se confundir com o ente, com alguma "coisa" presente. E, como se sabe, Heidegger pensa que identificar o ser com o ente seja um "esquecimento" do ser. Agora, pode-se "lembrar" o ser? O que, porém, significaria fazê-lo "presente" diante dos olhos da nossa mente, portanto, reduzi-lo novamente a um "ente". Além disso: Heidegger, nos seus escritos sobre Nietzsche², escreve que a metafísica é a história do ser. Eu tiro disso tudo a seguinte conclusão, que Heidegger nunca enunciou, mas acredito que ele deveria aceitar: lembrar o ser (para tentar sair da metafísica) significa somente lembrá-lo como já-

¹ *Ser e tempo*: principal obra filosófica de Heidegger, foi publicada em 1927. Em português, confira *Ser e tempo*. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos "além-do-homem", transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

sempre tendo ido embora; como Deus que se mostra a Moisés somente de costas. Portanto, pensar o ser não é uma experiência de presença cheia, de verdade luminosa; se levarmos em consideração que, para Heidegger a metafísica (esquecimento do ser) é a história do ser, então o ser tem uma história que é sempre de diminuição, de esquecimento, de "fraqueza"...

IHU On-Line - Qual é o lugar da verdade e da unidade do sujeito no pensamento de Heidegger?

Gianni Vattimo - Verdade, para Heidegger, é também aquela secundária das proposições "verdadeiras", que correspondem a critérios dados com a abertura do ser no qual somos sempre arremessados. Mas a verdade "primeira" é esta abertura (algo semelhante aos paradigmas dos quais fala Kuhn³). A relação com esta verdade primária (por exemplo, na experiência da obra de arte, que nos "dribla" porque é o anúncio de um paradigma "outro", não é uma experiência de unidade do sujeito, mas, ao contrário, exatamente uma experiência de "desorientação").

IHU On-Line - Como explicaria a aproximação de Heidegger ao nazismo? É uma derivação de seu pensamento filosófico?

Gianni Vattimo - De certa forma sim, foi um "erro" filosófico. Heidegger

³ **Thomas Kuhn** (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas*. 7.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

acreditou que fosse possível reconstruir uma situação histórica análoga àquela da Grécia pré-clássica, na qual, errando, porque esquecia a diferença ontológica, pensou que o ser pudesse “dar-se” de modo não-metafísico. Mas era um erro, antes de tudo filosófico.

IHU On-Line - O próprio nazismo deve ser entendido como uma anormalidade na História ou como uma radicalização da racionalidade moderna?

Gianni Vattimo - Heidegger o entendeu como uma radicalização da racionalidade moderna. Visto que ele pensava que esta racionalidade fosse o auge do esquecimento do ser, não a podia aceitar. Mas, de outro modo, o extremo da metafísica devia também ser o seu fim. “Onde está o perigo, cresce também o que salva” (Hölderlin⁴). Portanto, posição ambígua; um pouco como o capitalismo para Marx: é o pior do pior, mas é também a condição que prepara a revolução do proletariado...

IHU On-Line - O paradigma da técnica pode auxiliar a compreender as bases desse e de qualquer outro totalitarismo?

Gianni Vattimo - A resposta está implícita na precedente. Certo, como diz em *Identität und Differenz*, a possibilidade de sair da metafísica em direção a um novo evento do ser está também ligada ao fato de que no *Gestell*, no mundo técnico-totalitário, homem e mundo não têm mais os caracteres de sujeito e objeto. Mas quais caracteres terão?

IHU On-Line - Se o ente está lançado no mundo, como entender sua responsabilidade individual e política?

⁴ Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843): poeta lírico alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

Gianni Vattimo - Acredito que o Heidegger dos anos 1930, aquele depois da *Kehre*, se deu conta de que a autenticidade da qual falava *Ser e Tempo*, não é algo que se possa procurar “sozinho”. Autenticidade significa co-responder à chamada do ser; mas o ser assim entendido é também a própria comunidade, a sociedade na qual se vive, etc. Também, por isso, Heidegger se empenhou com Hitler, errando. Mas devemos pensar que naqueles anos Lukacs⁵ e Bloch⁶ estavam com Stalin⁷, Giovanni Gentile⁸, com Mussolini⁹ etc.

IHU On-Line - Por que Heidegger afirmou que era impossível ultrapassar o niilismo? Como entender a esperança num mundo niilista?

Gianni Vattimo - Como foi dito acima, o ser nunca pode dar-se como ente. A esperança do niilismo é de que, reduzindo a imponência, a peremptoriedade, o peso do ente, do real (paixões, instinto de sobrevivência,

⁵ Lukács György (1885-1971): mais conhecido como **Georg Lukács**, filósofo húngaro. Em sua trajetória filosófica procurou refazer o percurso da filosofia clássica alemã, inicialmente como crítico influenciado por Kant, depois Hegel e, finalmente, aderindo ao marxismo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ Ernst Bloch (1885-1977): filósofo alemão marxista heterodoxo, que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem. Seu livro *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, foi destacado na editoria *Livro da Semana* da 151ª edição da revista *IHU On-Line*, de 15 de agosto de 2005, com a realização de duas entrevistas sobre a obra: uma com o tradutor do livro, Nélcio Schneider, e outra com o professor da UFRGS, Edson Sousa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Josef Stalin (1878-1953): ditador soviético, responsável pelo stalinismo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Giovanni Gentile (1875-1944): filósofo italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945): jornalista e político italiano, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se *Il Duce*, que significa em italiano “o condutor”. (Nota da *IHU On-Line*)

violência recíproca) o ser se dê como *das Gering*, o mínimo, o pequeno, do qual falava *Vorträge und Aufsätze*.

IHU On-Line - O ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*) não é um conceito muito pessimista para classificar o ser humano?

Gianni Vattimo - De maneira nenhuma. Significa somente aceitar o próprio fim e historicidade, sentindo-se empenhados para responder a uma chamada que vem de outros mortais, e não pensar nunca que atingimos já a verdade "objetiva", o ponto de vista de Deus. E, portanto, nunca bombardear o Iraque em nome do verdadeiro direito humano.

IHU On-Line - Se pudéssemos trazê-lo ao presente, como Heidegger dialogaria com o "pensamento fraco" de Gianni Vattimo?

Gianni Vattimo - Teria que adotá-lo como seu filho, embora um pouco extravagante. Fora de brincadeira: se Heidegger visse o que acontece hoje por causa do fundamentalismo, da pretensão de ser "correto" (Bush acredita de verdade, como os nazistas, no *Gott mit uns*, Deus está conosco; e

age exatamente como eles), enfraqueceria muito as próprias posições...

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas com o pensamento cristão e o heideggeriano? Há aí uma influência mútua?

Gianni Vattimo - Certo, se pensarmos em um texto como a *Introdução à Fenomenologia da Religião*, de 1920, nos daremos conta de que alguns, ou talvez todos os conceitos fundamentais que Heidegger desenvolveu após, em **Ser e Tempo** (por exemplo, a autenticidade, a metafísica etc.) estão já todos na sua leitura das cartas de São Paulo. Acredito que Heidegger começou o seu "erro" nazista - que durou somente alguns anos - quando deixou de meditar sobre São Paulo e começou a mitificar Hölderlin. Mas o seu pensamento permanece profundamente cristão; e também, a propósito de influência "mútua", os cristãos de hoje deveriam elegê-loa verdadeiro mestre, deixando de lado os tantos resíduos de metafísica escolar que ainda dominam o ensino nos seminários.

Heidegger e a influência do cristianismo

Entrevista com Emmanuel Carneiro Leão



“Sem o cristianismo, na sua origem e proveniência cristã, não se compreende o pensamento de Heidegger”, pondera o Prof. Dr. Emmanuel Carneiro Leão, em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, refletindo a influência do cristianismo em Heidegger e vice-versa. Carneiro Leão menciona também a presença das idéias heideggerianas em Bultmann, Bruckner, Lackner e Rahner e conta algumas de suas lembranças como aluno de um dos filósofos mais discutidos e estudados da atualidade.

Doutor pela Universidade de Roma, Itália, e licenciado em Filosofia pela Universidade de Friburgo, Alemanha, onde foi aluno de Heidegger, Carneiro Leão regressou ao Brasil em meados da década de 1960. Desde então, dedica-se ao magistério na condição de professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual leciona até hoje. É um dos principais divulgadores do pensamento heideggeriano no Brasil, tendo traduzido para o português alguns livros do filósofo alemão. É autor de, entre outros, do livro *Aprendendo a pensar*. Petrópolis: Vozes, 1991. Confira o que o professor pensa sobre o assunto.

***IHU On-Line* - Quais são suas principais lembranças como aluno de Heidegger?**

Emmanuel Carneiro Leão - Minha primeira lembrança é que a atividade de ensino e acadêmica de Heidegger para com seus alunos, com os estudantes, aqueles que escutavam suas palestras, era de um cuidado todo especial. Era um professor com grande atenção para as dificuldades e os problemas dos seus alunos. A segunda grande lembrança e impressão que tenho é que a importância do ensino de Heidegger era promover a capacidade de pensamento dos alunos. Ele não queria ensinar respostas, problemas, perguntas, doutrinas, mas desenvolvia a capacidade própria de pensar de cada aluno, porque a posição que ele passava

era que todo o homem tem uma contribuição a dar à vida do pensamento, de maneiras diferentes, com graus diferentes, com qualidade diferente, deixando transparecer que essa contribuição é fundamental para o desenvolvimento da capacidade de pensar de todos.

***IHU On-Line* - Qual é a grande contribuição da filosofia de Heidegger?**

Emmanuel Carneiro Leão - A principal contribuição da obra de Heidegger e o grande mérito é promover esse aprofundamento do pensamento. Pensar não é ficar no nível das relações já dadas, encontradas, mas aprofundar, a partir do que é dado, até

a proveniência, a origem, a fonte de onde elas são oriundas.

IHU On-Line - Quais são as principais diferenças entre a fenomenologia de Heidegger e a de Husserl?

Emmanuel Carneiro Leão – Podemos dizer que a fenomenologia de Husserl¹⁰ se constrói por meio da intencionalidade da consciência. Isso significa que há uma diferença entre fenômeno e fenomenologia e o que faz a intermediação entre essa diferença é a intencionalidade dessa consciência. Sem consciência, não há fenomenologia, para Husserl. Para Heidegger, já não é dessa forma. Ele acredita que a fenomenologia é o próprio fenômeno. É por causa da fenomenologia do fenômeno que há consciência e intencionalidade. O *Dasein*, a presença, o modo de ser do homem, não é intermediário entre o fenômeno e a fenomenologia, mas é o lugar onde o fenômeno mostra que ele já é a fenomenologia.

IHU On-Line - Como Heidegger dialoga com a tradição filosófica? Quais são suas principais influências e quais são os rompimentos que propõe?

Emmanuel Carneiro Leão – Heidegger tem uma formação religiosa, cristã, escolástica e, pela escolástica, ele encontra a filosofia grega. Como a filosofia grega, mediada pela escolástica é a filosofia clássica, o que significa

¹⁰ **Edmund Husserl** (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

Platão¹¹ e Aristóteles¹², Heidegger procura suas fontes, de onde provêm esses pensadores. Por isso, a principal influência para o pensamento pré-socrático. Para se compreender o pensamento clássico é indispensável ter uma experiência do que constitui a contribuição dos pré-socráticos. Com essa recuperação dos pré-socráticos, que é uma tradição alemã desde Nietzsche, sobretudo, mas também de Hegel¹³, embora este esteja mais ao lado

¹¹ **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. – 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

de Aristóteles, o que leva a um movimento não de retorno e recuperação das fontes da cultura, da história, do pensamento, da ciência, da arte. Isso é a grande influência que sofre o pensamento de Heidegger, um pensamento cuja originalidade é a sua origem.

IHU On-Line - Em quais aspectos Heidegger influencia o desconstrutivismo e por quê?

Emmanuel Carneiro Leão - Sua influência se dá porque, para se chegar a essa fonte de originalidade do pensamento pré-socrático, há uma necessidade de desvincular-se, desvencilhar-se das respostas já dadas, dos padrões de pensamento e conhecimento já estabelecidos até aqui. Então é preciso se desconstruir o que se constitui a tradição do pensamento, do conhecimento e da arte para poder abrir caminho e libertar a experiência para o originário.

IHU On-Line - De que maneira podemos compreender a afirmação do filósofo de que "chegamos muito tarde para os deuses e muito cedo para o ser"?

Emmanuel Carneiro Leão - A nossa tradição entende a realidade como sendo o resultado não de uma atividade de sentido ou de criação, de um princípio absoluto. Com a modernidade não temos mais essa consciência e essa necessidade, por isso, somos modernos à medida que perdemos essa necessidade. Isso significa que chegamos tarde para os deuses, no entanto, com a modernidade, para conseguir-se isso houve uma mudança nos padrões de relacionamento do homem europeu ocidental, que é a respeito de quem estamos falando. Essa mudança aconteceu porque o homem de agora não quer mais receber, como o homem religioso de antes, os

parâmetros e os padrões e princípios de como ele tem que viver. Ele quer, ele mesmo, assumir a construção de sua cultura, sua sociedade, sua vida, seu pensamento, seu conhecimento. O homem moderno é aquele que quer transformar a realidade e não apenas aceitá-la como ela é. A perda dessa perspectiva de aceitação leva consigo também uma experiência de criação, o que significa que, para sermos criadores, não temos que nos deixar sufocar pela forma de conhecimento transformadora da realidade. Por isso, chegamos cedo demais para essa experiência de doação criadora do real.

IHU On-Line - Há em Heidegger influências do cristianismo? E no cristianismo vieses heideggerianos?

Emmanuel Carneiro Leão - Sim, sem dúvida há influências recíprocas. Heidegger queria fazer curso de teologia cristã. Toda a atividade de leitura e interpretação da realidade que Heidegger propõe é resultado do que ele aprendeu da interpretação e na leitura da chamada hermenêutica bíblica. Sem o cristianismo, na sua origem e proveniência cristã, não se compreende o pensamento de Heidegger. No cristianismo católico e no evangélico, além de várias outras orientações, a influência de Heidegger foi fundamental nesse século. As chamadas correntes evangélicas da teologia dialética, teologia da morte de Deus, exegética, todas elas tem grande presença e influência heideggerianas. Em Bultmann¹⁴, isso também pode ser

¹⁴ **Rudolf Karl Bultmann** (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o *Novo Testamento* (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade, tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em

notado, assim como em Bruckner, Lackner e Rahner¹⁵. Esses pensadores querem ler tanto a Bíblia como a tradição cristã sob a perspectiva do pensamento de interpretação de Heidegger.

IHU On-Line – Como o senhor avalia

Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926), e sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, publicamos na editoria *Teologia Pública* um debate sobre a obra *Teologia do Novo Testamento*, com a participação de Nélio Schneider e Johan Konings. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

as relações entre Heidegger e o advento do nazismo.?

Emmanuel Carneiro Leão - Heidegger foi reitor da Universidade de Friburgo no período nazista. Sem dúvida, ele achava, inicialmente, que o movimento do Partido Nacional Socialista trazia uma resposta para a situação de crise em que se encontrava a Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial. No entanto, a seguir, ele se convenceu de que estava enganado, de que o nazismo não trazia nenhuma proposta de libertação, de promoção para a Alemanha, pelo contrário, trouxe a destruição. Entretanto, isso só foi perceptível com o tempo. Inicialmente, como todos os alemães que estavam em crise depois da Primeira Guerra Mundial, Heidegger viu nesse movimento político de restauração uma saída, porém a saída que o nazismo trouxe foi aprofundar a desgraça.

A busca pelo sentido do ser

Entrevista com João Augusto Mac Dowell

Uma obra original e profunda, comparada à *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. Esses são alguns dos méritos de *Ser e tempo*, considerada a obra-prima de Heidegger. “Transformando o método fenomenológico, herdado de seu mestre Husserl, em uma hermenêutica da própria realidade, ele não só questiona as categorias com que vinham sendo interpretados o ser humano e o ente no seu conjunto desde o início do pensamento ocidental, mas também abre novos horizontes imensamente fecundos para a compreensão de sua historicidade constitutiva”. A avaliação é do filósofo João Augusto Mac Dowell, SJ, reitor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), antigo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), em Belo Horizonte. Por e-mail, ele concedeu entrevista à *IHU On-Line*, contribuindo para o debate sobre Heidegger no ano em que se completam 30 anos de sua morte.

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira e em Teologia pela Philosophische Theologische Hochschule Sankt Georgen, na Alemanha, Mac Dowell é mestre em Teologia pela mesma instituição. É doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), na Itália, com a tese *A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger*. O trabalho foi publicado pela editora Herder, de São Paulo, em 1970, e chegou à segunda edição em 1993 pela Loyola. Escreveu, ainda, *Religião também se aprende*. 3. ed., São Paulo: Santuário, 2003 e organizou *Saber filosófico, história e transcendência. Homenagem ao Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, em seu 80º aniversário*. São Paulo: Loyola, 2002.

IHU On-Line - Qual é a gênese da ontologia fundamental de Heidegger?

João Augusto Mac Dowell – Com este título “Ontologia Fundamental”, Heidegger designa o projeto de refundamentação da Metafísica desenvolvido parcialmente e de maneira, afinal de contas aporética, em sua obra mestra *Ser e Tempo*. Este projeto se origina da preocupação que anima o jovem Heidegger de restaurar a Metafísica como pensamento de uma transcendência real, transcendência rejeitada pelas correntes filosóficas

dominantes, especialmente na Alemanha, no início do século XIX, o cientificismo positivista e o neokantismo, limitado a uma transcendência meramente lógica. Tendo recebido sua primeira formação, também filosófica, num ambiente católico, ele pretendia com este projeto fazer valer a visão do mundo própria da cultura cristã, embora sobre novas bases, compatíveis com os princípios da filosofia moderna, em particular, tomando como ponto de partida à imanência do sujeito humano. Aliás, o pensar de Heidegger, ao longo de todo

o seu percurso, foi um pensar comprometido, como tentativa de compreender o seu próprio tempo e de apontar caminhos para superar as limitações do mundo moderno.

Entretanto, à medida que foi desenvolvendo o seu projeto nos dez anos que precederam a publicação de *Ser e Tempo* (1927), Heidegger descobriu que a Ontologia Fundamental não poderia consistir na restauração da Metafísica, mesmo que sobre novas bases, mas sim na elaboração da questão do sentido de ser, questão, segundo ele, esquecida por toda a tradição filosófica do Ocidente desde Platão. Com efeito, a Metafísica, como pensamento do ente como ente, determina o ser ou essência de cada ente e do ente em geral, quando pergunta: Que é (este) ente? Mas não perguntou jamais: Que é ser?, ou melhor: Por que há ser e não simplesmente nada? Em vez disso, para entender a existência do ente, ela remete a outro ente e, finalmente, ao ente supremo (Deus), como princípio e fundamento de toda a realidade.

IHU On-Line - Por que *Ser e Tempo* é considerada sua obra mestra?

João Augusto Mac Dowell - Trata-se de um marco na história da filosofia semelhante, a meu ver, por exemplo, à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Sua importância reside, em primeiro lugar, na sua profunda originalidade. Heidegger propõe uma nova perspectiva global, que ele chama "existencial", para a compreensão do ser humano e aplica-a com admirável rigor ao longo de toda a obra. Transformando o método fenomenológico, herdado de seu mestre Husserl, em uma hermenêutica da própria realidade, ele não só questiona as categorias com que vinham sendo interpretados o ser humano e o ente no seu conjunto desde o início do

pensamento ocidental, mas também abre novos horizontes imensamente fecundos para a compreensão de sua historicidade constitutiva.

Somente pouco a pouco, porém, os intérpretes do filósofo compreenderam que as brilhantes descobertas da Analítica Existencial sobre o ser do homem constituíam apenas o primeiro passo na elaboração da questão do sentido de ser, verdadeiro alvo da investigação heideggeriana. Entretanto, esta empreitada, assumida em *Ser e Tempo*, levou-o a convencer-se de que a verdade do ser não poderia ser autenticamente desvendada a partir do movimento de transcendência do ser humano em busca de seu sentido. Esta constatação, que não tornou supérfluo o caminho percorrido até então, já que só poderia acontecer no seu término, provocou a inversão do rumo de seu pensamento: de busca e conquista do sentido de ser ele transformou-se em acolhida de sua verdade como dom. Esta inversão ou conversão do pensar heideggeriano inaugurará uma nova fase de sua trajetória espiritual.

Filosofia como hermenêutica da realidade

Paradoxalmente, mesmo que os resultados da investigação nele desenvolvida tenham sido superados pelo próprio Heidegger, *Ser e Tempo*, mesmo assim, pode ser considerada sua obra-prima. Por um lado, há autores - não é o meu caso - que seguem Heidegger até *Ser e Tempo*, mas recusam como divagação mítica ou poética, destituída de significado filosófico, o seu pensamento ulterior. Por outro lado, as publicações subsequentes do filósofo ou são relativamente breves, conferências as mais das vezes, divulgadas isoladamente ou reunidas em volumes de cunho mais ou menos homogêneo, ou consistem na transcrição de cursos, que por sua

própria natureza, possuem um caráter mais difuso. Apesar de consignarem passos decisivos no caminho do pensar de Heidegger, estas obras, cada uma de *per sí*, não alcançam a radicalidade inventiva e a imponência arquitetural de *Ser e Tempo*. Na verdade, é a próprio índole meditativa do novo pensar inaugurado com a mencionada “conversão” ou “vira-volta”, que impede o filósofo de estruturar suas idéias à maneira relativamente analítica e orgânica daquela produção magistral. Mas o que acima de tudo determina a primazia de *Ser e Tempo* é que as intuições fundamentais dessa obra, o filosofar entendido como hermenêutica da realidade, a compreensão existencial do ser humano, a idéia de ser-no-mundo com todas as suas implicações, a contraposição entre a temporalidade existencial e a temporalidade cronológica e psicológica, a concepção da verdade como manifestação e o desocultamento do ente e, enfim, o primado da questão do ser, permanecem válidas ao longo de toda a obra heideggeriana e são elas que vão conduzir o seu pensamento a novas paragens até então ainda não contempladas.

IHU On-Line - Como avalia a importância e o impacto de Heidegger na Filosofia?

João Augusto Mac Dowell - Há certamente consenso entre os entendidos em colocar Heidegger, ao lado de Wittgenstein¹⁶ e talvez algum outro mais, em lugar de absoluto destaque na galeria dos filósofos do século XX. Com efeito, quer se inspirando nele, quer rejeitando-o mais ou menos radicalmente, ninguém que pretenda pensar o mundo de hoje pode deixar de confrontar-se com a sua obra.

¹⁶ **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo analítico austríaco (Nota da *IHU On-Line*).

É verdade que a sua influência durante muito tempo esteve restrita praticamente à chamada filosofia continental¹⁷, permanecendo relativamente alheios às suas idéias, seja os pensadores de tendência marxista, seja as correntes filosóficas analíticas ou pragmatistas do mundo anglo-saxônico. Depois de inspirar, em parte em função de mal-entendidos, a filosofia existencialista do Sartre¹⁸ de *O Ser e o Nada*, bem como a tentativa de superação da Ontologia de E. Lévinas¹⁹, sem falar em seus discípulos como H. Jonas²⁰ e H. Arendt²¹, o pensamento

¹⁷ **Análíticos e Continentais**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002

¹⁸ **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A Náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Emmanuel Lévinas**: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia, e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo*, de 1927, o influenciou muito. "A ética precede a ontologia" é uma frase que caracteriza o pensamento de Lévinas. Ele é autor do livro que o consagrou *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité* que foi traduzido para o português com o título *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil, a Editora Perspectiva, publicou *Quatro leituras talmúdicas*, em 2003, e a Editora Vozes, *De Deus que vem a idéia*, em 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **Hans Jonas** (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se: *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

heideggeriano se traduziu na corrente hermenêutica, representada por H. G. Gadamer²² e, até certo ponto, por P. Ricoeur²³. É difícil citar o nome de um pensador significativo dentro da tradição da filosofia continental que não tenha sentido o impacto da reflexão heideggeriana. Aliás, a sua irradiação

²¹ **Hannah Arendt** (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica, nasceu em Hannover. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Yaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Propôs, em uma distinção inusitada, que os termos labor, trabalho e ação fossem entendidos como diferentes formas de atividades fundamentais do ser humano, sendo aquele vinculado às necessidades biológicas, o intermediário ao artificialismo da vida moderna e esta às relações entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas, 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.l. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensalos*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). Sobre Arendt, confira o número 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Hans-Georg Gadamer**: filósofo alemão, autor do importante livro *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997, faleceu no dia 13 de março de 2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da *IHU On-Line* número 9, de 18 de março de 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na *IHU On-Line* 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003. A edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria *Memória* sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. (Nota da *IHU On-Line*)

extrapolou o campo da filosofia, afetando, por exemplo, a psicologia, com Binswanger²⁴ e Medard Boss²⁵, e a teologia cristã tanto evangélica como católica, com figuras como R. Bultmann, do lado evangélico, e K. Rahner, do católico.

IHU On-Line - E, em nossos dias, perdura a sua influência?

João Augusto Mac Dowell - Heidegger não fez propriamente escola. Seu pensamento assistemático não se presta a transmissões padronizadas. No entanto, os desafios que ele lançou continuam a repercutir em todas as faixas do espectro filosófico, numa proposta integradora, as linhas hermenêutica e analítico-pragmática, inspiradas nos dois maiores mestres do século XX, Heidegger e Wittgenstein, de um lado com K.-O. Apel²⁶, e, do outro, com R. Rorty²⁷. Entretanto, é sobretudo o pensamento pós-moderno de Lyotard²⁸, J. Derrida²⁹, G. Vattimo³⁰ e

²⁴ **Ludwig Binswanger** (1881-1966): filósofo suíço considerado o fundador da psicologia existencial. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Medard Boss** (1903-1990): psicanalista e psiquiatra suíço que desenvolveu uma forma de psicoterapia chamada análise do *Dasein*, largamente influenciada na filosofia fenomenológico-existencial de seu amigo e mentor, Martin Heidegger. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Karl-Otto Apel** (1922): filósofo alemão que combinou as tradições filosóficas analítica e continental. É autor do livro *Transformação da Filosofia V.1*. São Paulo: Loyola, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Richard Rorty**: filósofo pragmatista estadunidense. Sua principal obra é *Filosofia e o Espelho da Natureza*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Jean-François Lyotard** (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1954, *O inumano: considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa, 1990, *Heidegger e 'os judeus'*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999 e *A condição pós-moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

tantos outros, que não pode ser entendido senão à luz da reflexão heideggeriana sobre o destino da Metafísica e sobre o mundo moderno. Sua busca do fundo sem fundo do pensar, por um lado, e sua crítica do subjetivismo da razão instrumental moderna, por outro, deram azo ao surgimento do pensamento débil e da razão fragmentada, que caracterizam as obras daqueles filósofos.

IHU On-Line - O fim da metafísica anunciado por Heidegger ajuda a aprofundar a crise religiosa das sociedades pós-modernas?

João Augusto Mac Dowell - Para responder à sua pergunta será necessário esclarecer o que significa para Heidegger o fim da Metafísica. De fato, esta expressão entrou no jargão filosófico e, como tal, foi banalizada numa série de acepções superficiais e confusas. O que Heidegger denomina “superação da Metafísica” não se identifica com as expressões idênticas ou equivalentes utilizadas por R. Carnap³¹ ou por Nietzsche ou ainda por

²⁹ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com freqüência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Ethique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18 de outubro de 2004 (Nota da *IHU On-Line*).

³⁰ Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de pensamento fraco. Concedeu diversas entrevistas à *IHU On-Line*. *Leia a entrevista que publicamos acima*. (Nota da *IHU On-Line*).

³¹ Rudolf Carnap (1891-1970): filósofo alemão que trabalhou na Europa Central antes de 1935 e nos Estados Unidos após esse período. Foi um dos principais membros do Círculo de Viena e um

Marx³². Estes autores, com base em pressupostos certamente diversos, rejeitam simplesmente a Metafísica, como um tipo de pensamento ilusório e incapaz de revelar a verdade do mundo. Para Heidegger, porém, que classifica, aliás, o pensamento desses filósofos como ainda enredado no dualismo metafísico, o fim da Metafísica constitui o acabamento de um processo histórico. **Trata-se de uma etapa do pensamento ocidental, que possui sua grandeza própria, mas que hoje já exauriu suas possibilidades. A Metafísica, tendo cumprido até o fim o seu destino, abre uma nova possibilidade de pensar e compreender o real no seu todo. Pensar o fim da Metafísica significa entender a essência do mundo moderno, caracterizado pelo império da tecnociência, na qual o modelo metafísico do pensar chega às suas últimas conseqüências.**

Metafísica, estrutura da filosofia ocidental

Metafísica, segundo Heidegger, não é apenas uma das disciplinas filosóficas, ao lado da lógica, da ética, da antropologia filosófica e da filosofia da natureza. Constitui antes a própria estrutura da filosofia ocidental desde Platão. A idéia heideggeriana de Metafísica pode ser caracterizada, creio, por três elementos. Por um lado, trata-

eminente defensor do positivismo lógico. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

se do dualismo platônico, vigente sob formas diversas em todo o pensamento ocidental, que se estabelece entre o mundo sensível e o mundo inteligível, isto é, entre as coisas individuais e mutáveis de nossa experiência imediata, situadas no espaço e no tempo, e a sua essência, como idéias universais e eternas, que constituem a verdadeira realidade.

Outro traço determinante da Metafísica é o privilégio do conhecente, radicalizado no subjetivismo moderno, mas vigente já, segundo Heidegger, na metafísica clássica, de determinar o ser do ente, enquanto depende do juízo ou julgamento do sujeito a sua verdade. A distinção entre ente e ser é vista do sujeito, em função de seu movimento de transcendência sobre o ente para o ser. É constitutiva da Metafísica esta transcendência ascensional, na qual o ente é captado no seu ser e representado na sua verdade. Enfim, o tipo metafísico de pensar tem um caráter onto-teológico, enquanto, embora se exercendo no âmbito da diferença ontológica entre ser e ente, não a pensa, ou seja, não interroga o sentido de ser, antes fundamenta o ente no seu todo e na sua diversidade na unidade do ente primeiro, absoluto e infinito, identificado com o Deus cristão.

Tecnociência, expressão final da Metafísica

A tecnociência moderna constitui para Heidegger, como já disse, a expressão final e a plena realização do destino da Metafísica. Nela o ente não é apenas representado como ob-jeto do conhecimento, mas é também re-criado de acordo com os interesses e objetivos humanos como pro-jeto da vontade de poder. Nestas condições, as coisas do mundo se transformam em meros recursos, sem consistência própria, no interior de um sistema de controle, que

constitui a essência da técnica. Entretanto, na sua pretensão de tudo controlar, o ser humano acaba sendo controlado pela própria técnica. Ele já não é capaz de pensar o ente e muito menos o ser como tal, envolvendo sua existência, sem o perceber, em um nada de sentido. Entretanto, diante da crise do que há de mais próprio no ser humano, quando todas as possibilidades do pensar metafísico se esgotaram, surge também a oportunidade de um novo pensar. Não se trata da negação da técnica nem da fuga do mundo da técnica, antes de procurar um caminho para o pensar neste contexto inexorável.

Este novo pensar, para o qual devemos nos dispor, segundo Heidegger, na sobriedade própria da acolhida de um dom, já não será metafísico, nem tampouco antimetafísico e reducionista, como o cientificismo positivista ou o individualismo relativista. Ele terá de descartar, contudo, as três características do pensamento metafísico acima descritas. Desde *Ser e Tempo*, Heidegger apontava a necessidade de suplantar a oposição secundária sensível/inteligível, ao desvendar a unidade originária da existência humana numa temporalidade existencial. Correspondentemente, o próprio ser, como horizonte último do pensar, não se situa no plano do imutável e eterno, mas implica uma historicidade constitutiva. É nesta perspectiva que a Metafísica, com seu modo próprio de pensar e compreender a realidade, constitui uma etapa na história do ser. Entretanto, a diferença ontológica já não se estabelece mediante a transcendência do espírito humano sobre o ente em direção ao ser. Pelo contrário, a conversão ou vira-volta do itinerário heideggeriano, como superação da Metafísica, equivale justamente à percepção de que é o

próprio ser que toma a iniciativa de se revelar, abrindo para o pensar um horizonte de compreensão. Isso significa a exclusão filosófica de qualquer pensar representativo e objetivante. Trata-se antes de acolher como dom a manifestação do ser que torna os entes presentes ao pensar. Daí também se segue o questionamento da estrutura onto-teológica da Metafísica. Esta caracterização de toda a história da Metafísica foi violentamente contestada por autores, que não aceitam que sejam assim rotulados determinados pensadores, como, por exemplo, Tomás de Aquino³³. Sem envolver-me aqui mais a fundo nesta discussão, basta dizer que, a meu ver, ela decorre de um mal-entendido. Com efeito, desde Aristóteles a transcendência metafísica aponta numa dupla direção, por um lado, para o ente em geral, isto é, o ente como ente (dimensão ontológica), por outro, para o fundamento último do ente (dimensão teológica). Portanto, a Metafísica tem inegavelmente um caráter onto-teológico. O que pode ser questionado e discutido é o juízo de Heidegger a este respeito, ou seja, a afirmação da fundamentação do ente de nossa experiência em um ente primeiro, própria da Metafísica, enquanto ontoteológica, não é uma

³³ **Tomás de Aquino** (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

interpretação filosoficamente adequada da realidade.

Um pensar da essência, e não da existência

A posição heideggeriana decorre de vários pressupostos. O primeiro é a sua concepção da filosofia como determinação do ser ou “essência” do ente e, em última análise, do sentido de ser como tal. Embora rejeite, a certa altura, pelos motivos já dados, a Ontologia, como autêntico pensar do ser, a sua investigação tem certamente um caráter “ontológico” (próprio do ser do ente), em oposição ao que chama de “ôntico” (próprio do ente). Compreender o ente é compreender o seu ser e não explicá-lo por outro ente, como fazem as ciências positivas. Em virtude da adoção do método fenomenológico, ele só focaliza o *eidós*, a casa formal no sentido aristotélico, desprezando toda consideração da causa eficiente.

Para ele, a filosofia só pode levar em consideração aquilo que pode ser descrito fenomenologicamente, isto é, que se manifesta implícita ou explicitamente e pode ser experienciado, dando ao termo experiência o significado radical de presença ao pensamento, independentemente da distinção já superada, para ele, entre sensível e inteligível. Tomando os termos no sentido tradicional, pode-se dizer, com aparente paradoxo, que o seu pensar é um pensar da essência, e não da existência. Ser, para Heidegger, não significa existir, como o fato de estar aí no mundo, mas sim o horizonte determinante do pensar, a iluminação e não o iluminado. Ele recusa, portanto, passar, mediante o raciocínio, do ente que é experienciado a seu fundamento metafísico, inacessível à experiência, a um ente supremo, que seria a razão suficiente do que existe. Tal é a

dimensão teológica da Metafísica, um procedimento de caráter ôntico, que a leva a esquecer a questão decisiva do status do próprio ser.

Com efeito, o novo pensar heideggeriano não pergunta pelo “porquê”. Esta pergunta só tem sentido no âmbito das relações entre os entes intramundanos. Procurar justificar o ente no seu todo, determinar a sua razão suficiente, alcançar o seu fundamento, foi a pretensão desmesurada da razão metafísica. O todo, no seu mistério, não pode ser abarcado pela razão humana, essencialmente limitada. O autêntico pensar é o que se situa modestamente diante do fundo sem fundo do ser e, em vez de tentar dominá-lo, acolhe na gratidão as suas manifestações. Uma vez que a revelação da verdade depende propriamente da iniciativa do próprio ser, neste momento da crise do pensamento metafísico, só resta ao ser humano dispor-se por uma expectativa serena a acolher a eventual comunicação de um novo pensar.

Heidegger e a questão de Deus

Só depois deste amplo rodeio, será possível abordar diretamente sua pergunta sobre a religião no pensamento de Heidegger e sobre as conseqüências da superação heideggeriana da Metafísica em relação à crise religiosa contemporânea. Em primeiro lugar, diga-se de passagem, que os termos religião e experiência religiosa não são bem vistos por ele, que os considera eivados do subjetivismo moderno. Valoriza, ao invés, a experiência do sagrado e do divino, como constitutiva da existência humana. A questão de Deus em Heidegger é extremamente complexa e tem sido muito discutida. Só poderei acenar aqui para alguns aspectos mais importantes. Como já disse, ele rejeita a linguagem metafísica sobre Deus, isto é,

não aceita o tipo de pensamento que pretende demonstrar a existência de Deus como fundamento último da realidade, nem reconhece no Deus do teísmo metafísico um Deus que possa ser objeto de culto e de adoração. Por isso mesmo, enquanto um novo pensar não se consolidar, é mais sensato calar-se diante do mistério do que querer falar de Deus.

Na verdade, segundo Heidegger, só é possível falar autenticamente de algo à medida que se manifesta, ou seja, que é experienciado pelo pensamento. Ora, o mundo da técnica, criado à imagem e semelhança do homem e de seus interesses, já não revela a presença de um Deus. Trata-se de um mundo dessacralizado, que impede o acesso autêntico ao divino. Estas observações indicam claramente que, para ele, o divino, embora oculto pelo pensar representativo da modernidade, pertence essencialmente ao horizonte existencial do ser humano. Ele inclui expressamente esta dimensão no quarteto, constitutivo do mundo, que envolve a existência humana: céu, terra, deuses e mortais. E a célebre entrevista que deu à revista *Der Spiegel* por ocasião de seus 80 anos, para ser publicada apenas depois de sua morte, como seu testamento espiritual, contém a afirmação enigmática, mas decisiva: “Só um Deus pode salvar-nos”. A questão é saber de que Deus se trata aqui e qual é sua relação com o ser. É certo que o ser, central no pensamento de Heidegger, não é Deus. O ser, aliás, não é, porque só do ente se pode dizer que é. E o ser não é um ente, aquilo que é. Por isso, Heidegger prefere dizer: há ser (*es gibt Sein*). Ora, o equivalente de “haver” em alemão se traduz literalmente em português por “dar-se”, que pode significar também algo como “haver”, “acontecer”, em frases como: “Isso se deu (aconteceu, houve) naquele tempo”. Portanto, ser, como se dá,

implica algo comunicativo, algo de doação. É próprio do ser dar que pensar. Ele constitui a clareira em cujo âmbito as coisas vêm ao nosso encontro como sendo, isto é, na sua verdade e sentido.

Concepção de existência no último Heidegger

Apesar de distinguir absolutamente entre o ser e os entes, Heidegger lhe atribui uma espécie de atuação, que suporia uma consistência entitativa e até um caráter pessoal. Para ele, como já expliquei, é o ser que determina com suas iniciativas de manifestar-se ou ocultar-se o destino e a história do pensar. O verdadeiro pensar é aquele que, longe de arvorar-se em senhor da verdade, acolhe-a com gratidão como uma graça e favor do ser. É evidente a semelhança dessa linguagem com a que exprime na bíblia a relação entre Deus e a liberdade humana na revelação dos seus desígnios como história da salvação. Em todo o caso, mesmo prescindindo da relação para com um Deus transcendente e criador, tem muito de cristã a concepção da existência do último Heidegger, como aceitação serena e agradecida do dom do ser como expressão suprema da liberdade como abertura à verdade. Será que por trás do ser haveria que divisar um Deus, concebido não tanto como a causa eficiente do mundo empírico, quanto como a fonte do sentido, aquele que, ao comunicar o ser como verdade, desperta o pensar como liberdade? A sintaxe do “dar-se” como “haver” em alemão é distinta da portuguesa, enquanto atribui gramaticalmente ao sujeito impessoal “es” o dom do ser qual objeto direto. Poder-se-ia identificar neste “es” o mistério frontal do qual flui o ser como o horizonte histórico da existência humana? Heidegger não faz tal identificação. Mas esta reserva não

decorreria, quem sabe, da convicção de que com isso ultrapassaria os limites do puro filosofar? É possível. Em todo caso, há também na sua obra indícios que vão em sentido contrário, ou seja, no sentido da concepção de um divino imanente ao cosmo, próxima à experiência do sagrado própria da antiga religião da Grécia. A expressão “deuses” como uma das dimensões do mundo, que já mencionei, entre outras considerações, pode levar a tal interpretação. Nesse caso, o ser planaria sobre o mundo humano tal qual a “moira” da mitologia grega, como o que determina, em última análise, o destino dos deuses e dos mortais.

Nihilismo e “morte de Deus”

É possível que Heidegger tenha deixado afinal sem resposta a questão sobre o tipo de divino ao qual ele se refere. Qualquer que seja, porém, a sua posição a esse respeito, é certo que o divino faz parte de sua visão da realidade. O seu pensamento sobre o fim da Metafísica, bem entendido, longe de contribuir para o agravamento da crise religiosa contemporânea, permite encará-la com a maior lucidez. Por um lado, a “morte de Deus”, característica da cultura moderna, não equivale a um atestado da inexistência de Deus, segundo sua interpretação da afirmação de Nietzsche, mas tão somente à percepção de que o Deus da Metafísica perdeu todo o seu vigor, já não é capaz de dar sentido ao mundo contemporâneo. Por outro lado, ele tacharia certamente de superficiais e absolutamente incapazes de superar o nihilismo atual, resultante da “morte de Deus”, as manifestações de ressurgimento religioso dos últimos decênios. Esta religiosidade individualista, voltada para a satisfação afetiva do sujeito, constitui uma mera atitude reativa diante do racionalismo moderno, que, por isso mesmo, no seu

irracionalismo permanece atrelada ao mesmo esquema de pensamento. Como disse há pouco, para Heidegger, só à medida que o divino se manifesta pode estabelecer-se um autêntico ser-para-Deus. Apenas ele pode tomar a iniciativa de revelar-se, cabendo ao ser humano tão somente acolher com atenção a comunicação divina. Destarte, nesta época de ocultamento da divindade não passaria de arrogância enfatuada qualquer tentativa de chegar a Deus seja pela via da demonstração racional, seja pelo sentimento religioso. Nem por isso propugna Heidegger uma atitude de mera passividade e resignação diante da crise atual. Trata-se de assumir a tarefa de vigiar e proteger a verdade do ser, região onde será possível experienciar o sagrado e pensar sua essência, desde que ele volte a manifestar-se.

IHU On-Line - De que forma o senhor interpreta a decisão de Heidegger de filiar-se ao nacional-socialismo tendo em vista que quase foi padre e pediu um funeral religioso?

João Augusto Mac Dowell - No tempo de sua adesão ao nacional-socialismo Heidegger já havia rompido os laços com a Igreja Católica. Não creio que este episódio, já debatido à saciedade, possa ser explicado, num ou noutro sentido, em função das atitudes religiosas de Heidegger. Em todo o caso, ele constitui uma mancha indelével na biografia do filósofo. Mais grave, sob o ponto de vista ético, que a filiação, por um breve período, ao partido nazista – que poderia ter suas atenuantes – foi talvez sua recusa até o fim de exprimir sua *mea culpa* por tal gesto. Nem por isso se justifica a tentativa de, com base nesse fato, querer desqualificar o seu pensamento. Naturalmente, passos desta envergadura têm muito a ver com a mentalidade da pessoa, os valores que

a norteiam. Foram as esperanças de um ressurgimento do povo alemão, após as trágicas experiências da derrota na Primeira Guerra Mundial e do desastre da República de Weimar, e mais ainda sua visão de uma revitalização da cultura ocidental com base em raízes autênticas, que ele projetou ingenuamente sobre a figura esquálida de Hitler³⁴. No entanto, este erro fatal de julgamento, logo corrigido, a respeito do eventual executor de tais ideais não comprova qualquer afinidade entre seu pensamento e a ideologia nacional-socialista. São, portanto, deploráveis as tentativas de invocar este episódio com o fito de minar a influência do pensador do ser.

IHU On-Line - A superação heideggeriana da Metafísica não excluiria uma verdade absoluta? E a fundamentação das questões éticas, como pode ser feita com base nessa posição?

João Augusto Mac Dowell - A noção heideggeriana da verdade originária como des-ocultamento e manifestação do ente no seu ser e correspondentemente como abertura e liberdade do pensar relativiza a distinção metafísica entre verdade absoluta e relativa. A manifestação do ente é sempre verdadeira; poderá, sim,

³⁴ **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador alemão, líder do Partido Nazista. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf (Minha Luta)*. No período da sua ditadura, os judeus e outros grupos minoritários considerados "indesejados", como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da *IHU On-Line*, de 13 de junho de 2005, comentou na editoria *Filme da Semana*, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda - as últimas horas de Hitler*. (Nota da *IHU On-Line*)

ser mais ou menos verdadeira, de acordo com o maior ou menor desocultamento do ser e de acordo com a amplitude da perspectiva hermenêutica do pensar. Não há, porém, para o pensar humano, essencialmente finito, uma verdade absoluta, isto é, uma revelação total do ente no seu ser. É isso que reconhece o novo pensar que supera o racionalismo da metafísica moderna e sua pretensão de abarcar no pensamento toda a verdade. Não se pode fundar absolutamente o edifício do saber. A verdade, contraposta à falsidade, como correspondência ou não entre o que é afirmado no juízo predicativo e a realidade, é, para Heidegger, uma concepção secundária de verdade. Nada impede, porém, de considerar a verdade do juízo, nesta acepção, como absoluta. Algo não pode, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, ser e não ser verdadeiro, como pretende o relativismo. No entanto, este discurso lógico-predicativo não é o mais adequado para pensar o ente no seu todo, pensamento que encerra também, segundo Heidegger, uma dimensão ética.

A sua posição a respeito das questões éticas é complexa. Ele não desenvolve uma Ética como ciência das normas ou valores morais, porque considera que tal saber pertence ao reino da Metafísica. Isso não o impede de distinguir em *Ser e Tempo* a existência autêntica da inautêntica, embora o critério para tal distinção não seja a adesão ou não a determinadas normas obrigatórias, mas sim o assumir a finitude e a temporalidade da existência como ser-para-a-morte, o que relativiza

todas as possibilidades intramundanas, libertando a pessoa para a escolha livre. Aqui, portanto, o acento recai sobre a responsabilidade de cada um de compreender-se e projetar-se de acordo com o sentido próprio de sua existência. A segunda fase do pensamento heideggeriano contém também e de maneira talvez ainda mais central um aspecto ético. Não se trata, porém, de uma disciplina filosófica específica. O agir humano só pode ser compreendido em conexão com a essência das coisas, do próprio homem, do seu pensar, da sua linguagem e do ser. Desse modo, há uma Ética imanente ao próprio pensar do ser, que é assim anterior à distinção tradicional entre saber teórico e saber prático. Heidegger tem plena consciência de que no mundo atual, justamente como dominado pela técnica, não vigoram normas e valores absolutos. Por isso mesmo, nestas circunstâncias, não tem sentido propor outro sistema de valores ou procurar fundamentá-lo. O que importa é dispor-se mediante determinadas atitudes a acolher na liberdade uma eventual manifestação do ser que, para além do mundo da técnica, configure uma nova relação do homem para com o ente no seu todo. Ele propõe, assim, em contraste com o subjetivismo e o antropocentrismo modernos, um *ethos* caracterizado por atitudes como a admiração e reverência ante o mistério do ser, a serenidade e a gratidão, entre outras. Só assim o ser humano e o seu pensar, que é para ele a forma fundamental de agir, corresponderão aos apelos do ser.

Heidegger e a subjetividade

Entrevista com William Richardson



Professor do Departamento de Filosofia do Boston College, em Chestnut Hill, Massachusetts, EUA, o filósofo e psicanalista William Richardson, SJ, afirmou por e-mail à *IHU On-Line* que “a contribuição de Heidegger para o entendimento da subjetividade foi esclarecer sobre o que um sujeito é e o que não é. Claramente, o que não é, é o ser que Heidegger tomou como o fenômeno humano por excelência: *Dasein*, cuja natureza essencial é simplesmente Estar-no-mundo (*In-der-Welt-Sein*). Se, eventualmente, ele age como sujeito, isso é uma função válida, porém puramente secundária”.

Richardson é mestre em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia de Louvain, na Bélgica. Ao longo de sua trajetória acadêmica recebeu diversos prêmios e reconhecimentos, entre eles o Cardinal Mercier Prize in Philosophy, da Universidade de Louvain, o Pós-doctoral Fellow, da Society for Values in Higher Education, entre outros. De seus inúmeros artigos, destacamos *The place of the unconscious in Heidegger. Review of Existential Psychology and Psychiatry*, V, 1965; *Kant and the Late Heidegger*. In *Phenomenology in America*, ed. J.M. Edie. Chicago: Quadrangle, 1967; *Heidegger and the Quest of Freedom*. *Theological Studies*, XXVIII, 1967 e *The transcendence of God in the World of Man*. *Proceedings of the Catholic Theological Society of America*, XXIII (1968).

IHU On-Line - Quais são as principais críticas de Heidegger à ciência? Como essas considerações podem ser aplicadas à ciência de nossos dias?

William Richardson - A crítica de Heidegger à ciência é moldada pela sua crítica à metafísica, que surgiu da sua experiência filosófica anterior. Em uma carta de 1962, quando perguntado sobre como sua busca filosófica começou, ele respondeu: “O primeiro texto filosófico no qual eu trabalhei repetidas vezes desde 1907 foi

a dissertação de Franz Brentano: *Sobre o Sentido Principal do Ser em Aristóteles* (1862). Na folha de rosto do seu trabalho, Brentano cita a frase de Aristóteles: *to on legetai pollachôs*. Eu traduzo: “Um ser manifesta-se (ou seja, a respeito de seu Ser) de vários modos.” Latente nesta frase é a questão que determina o modo do meu pensamento: o que é a determinação penetrante, simples e unificada do Ser que permeia todos os seus múltiplos sentidos? ... Como eles podem ser trazidos para um acordo compreensível? Este acordo não pode ser compreendido sem

primeiro se levantar e se estabelecer a questão: de onde este Ser como tal (não meramente ser como ser) recebe esta determinação?” (*ênfase de Heidegger*)

O “Ser” (*Seidenes*) do título de Brentano³⁵ traduz o *to on* (“o que quer que seja”), isto é, um ser, como distinto do uso do “Ser” (*Sein*) de Heidegger no sentido de que um ser se manifesta como o que ele é – o É, por assim dizer, do o-que-é. O próprio Aristóteles, na sua “primeira filosofia”, procura entender seres como seres (*on hei on*) tanto no sentido do menor denominador comum de todos os seres (o que foi mais tarde chamado de “ontologia geral”) ou de seres no sentido de suas bases finais em algum ser supremo, a temática que mais tarde foi chamada “teologia”. Vistas juntas, essas duas abordagens ao questionamento dos seres como seres se tornam idênticas como “metafísica”. As razões para o termo são incertas, parcialmente por causa da ambigüidade de meta (significando “após” ou “além”) como prefixo de *physika* (“física”) na fórmula. Qualquer que seja a origem do termo, Heidegger insiste que a metafísica vista como um todo é preocupada apenas com os seres como seres e negligencia as questões mais profundas sobre o É do o-que-é na sua diferença do o-que-é, que repousa na

³⁵ **Franz Brentano** (1838-1917): filósofo alemão. Lecionou em Würzburg e na Universidade de Viena. Sua filosofia evoluiu para um aristotelismo moderno, nitidamente empírico em seus métodos e princípios. Os trabalhos mais importantes de Brentano são no campo da psicologia, por ele definida como ciência da alma. O objeto de seus estudos não foram, porém, os estados, e sim os atos e processos psíquicos. Segundo Brentano, o fenômeno psíquico distingue-se dos demais por sua propriedade de referir-se a um objeto por meio de mecanismos puramente mentais. Ao filósofo caberia, então, estudar as diversas maneiras pelas quais a mente estabelece contatos com os objetos. Sua obra póstuma mais importante é *Von Simmlichen um Poetischen Bewusstsein* (*Sobre a consciência sensorial e poética*), de 1928. (Nota da *IHU On-Line*)

fundação da metafísica e a torna possível.

Segmento dos seres

O que nós chamamos de “ciência” lida com um certo segmento desses seres começa com o desenvolvimento, pelos cientistas, de uma metodologia para medir, calcular e especular sobre a natureza de um certo segmento dos seres com uma visão para entendê-los melhor e na esperança de aprimorar a capacidade do ser humano em lidar com eles nos interesses práticos da vida diária. Entendida desta maneira, a ciência para Heidegger é totalmente merecedora do seu respeito. Até o ponto em que, no entanto, os cientistas em pleno vôo tendem a negligenciar as dimensões mais profundas dos seres que deixam seu próprio trabalho dar em nada, Heidegger critica o esforço científico em arriscar a redução dos seres ao nível de meros instrumentos para o controle humano e para o engrandecimento do desejo humano pelo poder sobre eles.

Tal redução demanda a própria dignidade humana do cientista, unicamente baseada na abertura ao Ser na sua diferença dos seres os quais ele formalmente investiga. Isso posto, Heidegger jogou uma grande luz na emergência histórica do empreendimento científico como o efeito de um esquecimento do Ser em uma época da história marcada pela origem da ciência moderna. Além disto, certos cientistas encontraram sua própria técnica fenomenológica de Heidegger, a qual ele uma vez chamou de “hermenêutica de facticidade”, que foi de grande ajuda em tornar as apresentações mais precisas, iluminando seus próprios procedimentos metodológicos.

***IHU On-Line* - De que forma a filosofia heideggeriana contribui**

para um entendimento da subjetividade e dos fundamentos filosóficos da psicanálise?

William Richardson – Para Heidegger, o ser humano é considerado como *Dasein*, ou seja, um ser entre o resto dos seres, por meio do que o Ser se torna manifesto com a revelação de todos os seres em quê e como são. Como tal, *Dasein*³⁶ (ou Existência) é pensado como sendo um “eu”, mas não um “sujeito”. Ser um sujeito significa relacionar-se com todos os outros seres como “objetos” para os quais o sujeito é o único ponto de referência para determinar o que quer que possam “significar”. Assim, todos os seres são objetos para sujeitos, ou sujeitos que servem como objetos para outros sujeitos (ou para si mesmos). Na psicanálise, o ser humano é concebido como um sujeito – em princípio um sujeito consciente – que é capaz da atividade a qual – apesar de sua consciência – é, na verdade, inconsciente. Essa dimensão da qual o sujeito é inconsciente foi primeiro problematizada por Freud³⁷ e designada por ele como “o inconsciente”. Quer seja consciente ou inconsciente, o

³⁶ A tradução literal do termo (alemão) seria “ser-ai”. (N. do T.)

³⁷ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8 de maio de 2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*. (Nota da *IHU On-Line*)

sujeito analisado por Freud foi o sujeito como o descoberto por Descartes³⁸.

A contribuição de Heidegger para o entendimento da subjetividade foi esclarecer sobre o que um sujeito é e o que não é. Claramente, o que não é, é o ser que Heidegger tomou como o fenômeno humano por excelência: *Dasein*, cuja natureza essencial é simplesmente Estar-no-mundo (*In-der-Welt-Sein*). Se, eventualmente, ele age como sujeito, isso é uma função válida, porém puramente secundária.

IHU On-Line - Quais as contribuições de Heidegger para uma compreensão mais ampla do inconsciente do sujeito?

William Richardson – Para um homem de tão grande inteligência, o entendimento de Heidegger sobre Freud parece cru e superficial. Ele foi seriamente apresentado a Freud relativamente tarde na vida, quando Medard Boss³⁹ o convidou para uma série de seminários (1959-1969) para os psiquiatras que ele estava treinando em Zollikon (Suíça). Brevemente, Heidegger assumiu que, quando Freud encontrou um processo físico que ele não podia

³⁸ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Medard Boss** (1903-1990): psicanalista e psiquiatra suíço que desenvolveu uma forma de psicoterapia chamada análise do *Dasein*, largamente influenciada na filosofia fenomenológico-existencial de seu amigo e mentor, Martin Heidegger. (Nota da *IHU On-Line*)

explicar pela causalidade consciente, ele postulou um processo psíquico inconsciente para esclarecê-lo. Mas isso foi ignorar completamente a dimensão do *Dasein*/Existência como Ser-no-mundo, a qual estende muito além o nível de consciência consciente da *Dasein*/Existência. Considerando essa dimensão, seria necessário postular algo tão bizarro quanto a inconsciência freudiana para poder explicar o comportamento humano. De fato, o próprio Boss já havia (antes de 1959) dispensado a hipótese de uma inconsciência freudiana a favor de uma análise clínica próxima da *Dasein*/Existência como Ser-no-mundo. Ele batizou esta técnica de “Dasainanálise” e formou a base de um método psicoterapêutico que continua a ser usado por esse nome pelos sucessores contemporâneos de Boss.

No entanto, essa atitude negativa para com Freud permanece sobre o entendimento fisicalista de Heidegger da metapsicologia de Freud. Mais recentemente, uma nova abordagem de Freud foi proposta por um dos mais eminentes discípulos de Freud: o assim chamado “Freud Francês”, Jacques Lacan⁴⁰. Após estudar intensamente os principais trabalhos iniciais de Freud (*A Interpretação dos Sonhos* [1900], *A Psicopatologia na Vida Diária* [1901] e *Chistes e sua relação com o Inconsciente* [1905]), Lacan concluiu que o *insight* épico de Freud foi no caminho dos trabalhos com a linguagem. O recurso de Freud às categorias fisicalistas a fim de especular sobre isso foi determinado pelo fato de que esses foram os únicos meios

⁴⁰ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

disponíveis a ele nos círculos científicos da sua época para que se pudesse fazer esse *insight* especulativamente crível. No século XX, entretanto, outra ciência surgiu: a lingüística formal – tendo como pioneiro Ferdinand de Saussure⁴¹, e que foi estendida para a cultura antropológica por Claude Lévi Strauss⁴² – que pode servir como um paradigma melhor para a conceitualização do *insight* original de Freud do que o fisicalista. O próprio projeto de Lacan, então, tornou-se um retorno ao *insight* original de Freud e um repensar as suas implicações lingüísticas de acordo com a hipótese fundamental de que “a inconsciência é estruturada como a linguagem”. Como teria reagido Heidegger se Freud tivesse sido apresentado a ele nesse contexto?

Base ontológica

Nós não sabemos, é claro, mas nós sabemos que, para o Heidegger inicial, a linguagem tinha um lugar único na

⁴¹ Ferdinand de Saussure (1857-1913): lingüista suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da lingüística como ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na lingüística do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² Claude Lévi-Strauss (1908): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

estrutura ontológica do *Dasein*/Existência. Dos três componentes “equiprimordiais” da estrutura ontológica do *Dasein*/Existência, *die Rede*, termo pelo qual Heidegger traduz o logos grego, não é só “discurso” (traduzindo para o português), mas a exata estrutura do *Dasein*/Existência que permite *Verstehen* e *Befindlichkeit* “chegar à expressão” lingüística. Do mesmo modo, nós sabemos que, para o Heidegger recente, o logos de Heráclito⁴³ (como *physis* para Parmênides⁴⁴) é um modo no qual o Ser/*alētheia* dá em nada. Conseqüentemente, logos/*legein* para Heráclito é interpretado como o processo de agrupamento de seres neles mesmos, precisamente na sua acessibilidade (expressível). Por esta razão, logos, como experienciado por Heráclito, pode ser entendido como a própria linguagem na sua mais profunda origem. Então, o esforço recente de Heidegger em pensar o significado do Ser em termos da função da linguagem em poeta, pensador e homem de estado é um complemento coerente ao seu *insight* inicial no logos como um componente estrutural do *Dasein*/Existência no contexto do *Ser e Tempo*. Conseqüentemente, o psicanalista, então disposto, pode pensar o analisando como um eu já constituído pelo logos como um componente ontológico do seu Ser, que funciona também no nível ôntico de acordo com as leis da linguagem que a lingüística discerne. São essas leis que podem estruturar e guiar o próprio processo analítico.

⁴³ Heráclito de Éfeso (540 a. C. - 470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problemática a questão do devir (mudança). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁴ Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da *IHU On-Line*)

Em suma, se “a inconsciência é estruturada como a linguagem”, Heidegger pode oferecer uma base ontológica para a qual Lacan e seus seguidores são tentados em um nível ôntico para fazer o *insight* genial de Freud cientificamente respeitável para outras gerações de pensadores.

***IHU On-Line* - Como Heidegger pode fundamentar a liberdade na pós-modernidade?**

William Richardson - Esta é uma dupla questão: a) como Heidegger entende a modernidade como uma época de Ser-come-história? b) qual é o papel da liberdade em tal concepção?

a) **Modernidade.** É senso comum agora dizer que as primeiras tentativas de Heidegger de discernir o significado de Ser por meio de uma fenomenologia do *Dasein*/Existência como Ser-no-mundo, em *Ser e Tempo* produziram uma conceitualização negativa do Ser, ou seja, como não-um-ser/coisa, como Não-coisa ou Nada (Nichts) que podem ser articulados onticamente. No entanto, a análise da verdade produziu o fato de que a explicação clássica da verdade em conformidade entre o julgamento e o conteúdo do que é afirmado pressupõe uma arena prévia de acesso entre juiz e julgado, no qual um primeiro encontro entre as duas partes tem espaço. Essa área antecedente de abertura, segundo Heidegger, é um tipo mais fundamental de verdade que a forma contida em julgamentos, que os gregos chamavam simplesmente *alētheia*, literalmente a- (“privação”) - *lēthē* (“esquecimento”, “ocultamento”), portanto um processo inicial de “des-ocultamento” como prévio à qualquer outra forma de verdade. Este poderia ser um domínio de pura abertura de todos os seres, o Aberto como tal (ou seja, o próprio Ser) que habilita todos os seres a se revelarem como o que e como são.

Após 1930, *alētheia* como des-ocultamento desempenhou um papel mais ativo que antes e foi concebida como simultaneamente revelando-se para e ocultando-se da *Dasein/Existência*. Este processo de revelação/ocultação em seguida levou a um sentido histórico como já antecipado em *Ser e Tempo* e pensado posteriormente como uma espécie de dispensa do Ser-como- *alētheia* para o *Dasein/Existência*, mesmo para indivíduos (ex: Parmênides, Heráclito, Platão etc), ou para grandes grupos de humanos assim constituindo todas as épocas da história. Teria sido esquecimento (*Geschick*) para Descartes, que iniciou um estilo de pensamento filosófico geralmente categorizado como “subjetivismo”, de acordo com o qual todos os seres foram pensados na polaridade sujeito-objeto. Como este estilo de pensamento tornou possível a revolução científica de Copérnico⁴⁵ a Newton⁴⁶ e além,

⁴⁵ **Nicolau Copérnico** (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, além de cânone da Igreja, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica - o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16 de novembro de 2005 o **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. Sobre Copérnico, em específico, o Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud, da PUC-Rio, proferiu palestra em 3 de agosto, intitulada *Copérnico e Kepler: como a Terra saiu do centro do Universo*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os

Heidegger explica detalhadamente. Tudo somado, a revolução filosófica instituída por Descartes e a evolução da metodologia científica que constituiu a emergência da ciência moderna coincidiram para formar o que nós agora chamamos de época da modernidade. Heidegger insistiria, entretanto, que nós pensássemos sobre isso menos como uma realização humana do que efetivamente um esquecimento do Ser como *alētheia* ao qual certos homens e gênios responderam.

O papel da liberdade

b) **Liberdade**. Cada esquecimento da *alētheia* é um esquecimento de liberdade, pois *alētheia* implica liberação da escuridão que torna os seres humanos livres e abertos para o que *é/são*. Heidegger deixa esse ponto explícito ao discutir outra época do Ser-como-história que ele caracteriza como uma espécie de seqüência para a modernidade e descreve a época da tecnicidade (*die Technik*). Na sua essência, ela é marcada não só pela objetivação de seres, mas pelo aumento do poder sobre eles, que eventualmente vitimiza a si própria. Heidegger a apresenta, entretanto, como uma época de liberdade na qual ela é um novo modo de des-ocultamento:

A essência da liberdade não está originalmente conectada com a vontade ou mesmo com a causalidade da vontade humana. A liberdade governa o espaço livre no sentido da clareza, a

anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16 de novembro de 2005 o **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21 de setembro, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da *IHU On-Line*)

qual deve-se dizer, a revelada. ... Mas aquilo que liberta – o mistério está oculto e sempre se ocultando. Toda a revelação surge do livre, vai para o livre e traz o livre (“A Questão a Respeito da Tecnologia”, grifo de Heidegger).

Isso é bonito de se dizer, é claro, mas como a liberdade então entendida se relaciona com a “vontade e a causalidade da vontade humana”, a qual precisa ser envolvida em qualquer resposta genuinamente humana à liberdade como dispensa da *alētheia*? Heidegger não é de grande ajuda aqui.

IHU On-Line - Como podemos entender essa liberdade diante de regimes totalitários, como o nazista, por exemplo?

William Richardson – Para Heidegger, a experiência da verdade como liberdade não é uma bênção pura⁴⁷. Cada revelação da verdade é finita e deixa um resíduo de trevas, *lēthē*⁴⁸. Ela pode assumir duas formas: uma forma é o “mistério”, “o esconder daquilo que é totalmente escondido, dos seres como tais”; o segundo modo Heidegger chama “falibilidade” uma combinação de mistério que ignora, subverte e até perverte o mistério de tal maneira que Heidegger a chama de “contra-essência da verdade”: “A falibilidade pertence à constituição interna do *Dasein*/Existência na qual o homem histórico é admitido. (...) Desencaminhando-o, a falibilidade domina o homem completamente.” (“Sobre a essência da verdade”). Essa dominação pode afetar o *Dasein*/Existência individual, ou grupos sociopolíticos, ou culturas inteiras – até, certamente, a mais precursora experiência dos gregos.

⁴⁷ O termo usado no original, *unmixed*, significa “pura” no sentido de “não-adulterada”. (N. do T)

⁴⁸ Palavra originária do grego e que significa “negatividade”. (N. do T)

(Se) *alētheia*⁴⁹ tem uma essência conflituosa, a qual aparece também nas formas opostas de distorção e esquecimento, então na *polis*⁵⁰ como domicílio essencial do homem há que se reger todas as mais extremas contra-essências e nisso todos os excessos do indisfarçável. ... Aqui as mentiras disfarçaram a base primordial dessa característica apresentada por Jacob Burckhardt pela primeira vez em toda sua distinção e multiplicidade: a “assustadoriedade”, a “horribilidade”⁵¹, a atrocidade da *polis* grega. Assim é a ascensão e a queda do homem no domicílio histórico de sua essência (entre os gregos). (*Parmenides*, 90)

Nesse contexto, fenômenos como o totalitarismo e o nazismo devem ser guardados como formas de excesso na modalidade da falibilidade. Como eles estão sendo superados? A questão é essencialmente a mesma que: como estamos sendo “salvos” das pilhagens da técnica (*die Technik*)?

IHU On-Line - De que maneira o pensamento desse filósofo pode nos ajudar a compreender uma sociedade cada vez mais secularizada e mais subjugada pelo paradigma da técnica?

William Richardson – A questão é análoga à questão de *Ser e Tempo*: como tornar-se autêntico? Lá (em *Ser e Tempo*) a resposta é: finalmente aceitando-se como o transcendente (ao mundo) que é finito, cujo sentido último é tempo, ou seja, como a abertura à verdade como vivenciada em todas as conseqüências de sua finitude. O “sim” do *Dasein's existentiell* a essa situação ôntica/ontológica está na própria realização da autenticidade.

⁴⁹ Termo grego para “Verdade”. (N. do T)

⁵⁰ Termo grego para “cidade”. (N. do T)

⁵¹ Os termos “assustadoriedade” e “horribilidade” não existem no português, porém foram “criados” para que a frase se fizesse entender.

Analogamente, sugiro que a única forma de o *Dasein*/Existência “superar” o esquecimento da verdade que lhe fora concedida, com todas as conseqüências da negatividade que isso implica, é reconhecê-la como tal para o que é e lidar com sua negatividade da melhor forma possível.

Quando o próprio Heidegger foi questionado sobre se havia alguma razão para esperar pela salvação dessa condição humana comum, sua resposta foi “Apenas um deus pode salvar-nos!”. Tomo “deus” aqui por uma metáfora hölderliniana⁵² para um outro, ou seja, diferente, esquecimento do Ser, o que pode, claro, incluir sua própria negatividade dinâmica. Isso deixa-nos apenas com um futuro bastante desanimador para o qual olhar? Talvez! Mas isso é mais promissor do que aquilo com que Nietzsche deixa-nos: o eterno retorno do mesmo. Para Heidegger, o futuro do *Dasein*/Existência vem por meio do passado, definitivamente, mas como um advento contínuo, sempre novo e fresco. Certamente, o futuro seria preso em sua própria inescapável escuridão mas poderia ao menos deixar-nos livres para desejar que possamos beneficiar-nos com a experiência de outros e lidarmos com isso melhor que antes.

Tudo isso implica, entretanto, que o *Dasein*/Existência seja capaz de responder ao esquecimento do Ser, que seja de alguma forma livre para dizer “sim” ou “não” à chamada do Ser. Mas isso implica um outro tipo de liberdade do esquecimento “original” da *alētheia* do que aquilo que se discutiu até agora. “A essência da liberdade está originalmente não conectada à vontade ou mesmo à causalidade da vontade humana”, nos foi dito (“A Questão concernente à Tecnologia”). Sendo como seja, qualquer resposta ao

⁵² Relativa a Friedrich Hölderlin, poeta alemão do século XVIII/XIX. (N. do T.)

chamado do Ser supõe alguma explanação crível sobre como a liberdade secundária, essa da “vontade” ou da “causalidade da vontade”, ou ao menos da capacidade de dizer “sim” ou “não”, é derivada. Até onde sei, Heidegger deixou-nos famintos aqui. Trinta anos após sua morte, uma referência a esta edição permanece na primeira ordem de importância.

***IHU On-Line* – Por que os membros do Círculo de Viena receberam mal a filosofia de Heidegger? Quais foram os aspectos criticados?**

William Richardson – O Círculo de Viena foi um grupo de pensadores de diferentes disciplinas que se organizaram em torno de Moritz Schlick⁵³ após ele se tornar professor da Filosofia das Ciências Indutivas na Universidade de Viena, em 1922, e sobreviveu até a sua morte prematura em 1936. Eles se encontravam regularmente (normalmente nas noites de quinta-feira) no Instituto de Matemática para discutir questões filosóficas. O grupo era mantido unido pelo seu objetivo e método comum: com a exclusão do que eles chamavam de metafísica e examinando uma série de pseudo-especulações realizadas com sentenças mal formuladas logicamente (ou seja, sem sentido), eles desejavam encontrar uma base filosófica comum para todas as ciências especiais, enquanto faziam a própria filosofia cientificamente sustentável através de análises lógicas. Assim, eles prestavam atenção principalmente ao sentido das sentenças (proposições), tentando esclarecer os conceitos e métodos das próprias ciências e esperando mostrar que todo o conhecimento humano é construído de sentido-dados, isto é, do que eles chamaram “experiência”.

⁵³ **Moritz Schlick** (1882-1936): filósofo alemão, figura central do positivismo lógico e do Círculo de Viena. (Nota da *IHU On-Line*)

Lógica e experiência são as palavras-chave para caracterizar esse grupo que propôs o positivismo lógico na sua forma mais pura.

O que um grupo como esse tem a ver com as questões de Heidegger sobre o Ser na sua diferença dos seres? Obviamente, tal questão não surge da experiência sensível, portanto sem sentido desde o começo. Além disso, o método escolhido por Heidegger, fenomenologia (o deixar aparecer de seres cuja natureza é aparecer) tinha pouco tempo para a análise lógica do significado de sentenças nas quais os resultados de tal análise são expressados. Finalmente, a invenção de Heidegger de novas formas de linguagem para expressar os resultados dos seus *insights* deixou os membros do Círculo horrorizados. Rudolf Carnap⁵⁴, em particular, ficou ofendido com frases como “o Nada não é nada” (das *Nichts nichtes*). Para Heidegger, o fenomenologista, o sentido é bastante simples: o mundo, como horizonte de grande significância, não é uma coisa como as outras coisas, mas, diferente delas, funciona antes como uma Não-coisa (“nadas”) que dá em nada precisamente como a área na qual os seres humanos podem encontrar outros seres como significantes. Mas para uma lógica positivista, isto é um absurdo total. E nunca os dois se encontrariam.

IHU On-Line - Por que Deus para Heidegger só pode ser explicado pela linguagem poética? O Deus de Heidegger é um Homem-Deus?

William Richardson - O problema de Heidegger com o falar sobre Deus de

⁵⁴ Rudolf Carnap (1891-1970): filósofo alemão que trabalhou na Europa Central antes de 1935 e nos Estados Unidos após esse período. Foi um dos principais membros do Círculo de Viena e um eminente defensor do positivismo lógico. (Nota da *IHU On-Line*)

qualquer maneira é que, no que lhe diz respeito, o Deus sobre o qual se fala é finalmente reduzido ao Deus da metafísica: um ser supremo (*höchste Seiendes*), mas ainda assim um ser. Tal concepção ignora a questão de Ser na sua diferença de todos os seres, mesmo um ser supremo. O problema não é que um deus para a mente questionadora de Heidegger é divino demais, mas que não é divino o suficiente. Ele não é o Deus perante o qual Davi dançou, o Deus da experiência religiosa genuína. Para ter certeza, a reflexão sobre o sentido do Ser diferente dos seres não revela tal Deus, para Ser é necessário nada mais do que um processo finito (sempre comportando sua *lēthē*) que deixa o fenômeno finito se manifestar. Quando muito permite uma reflexão no significado de Sagrado, como Hölderlin nos ajuda a fazer, e a consciência do Sagrado pode nos ajudar a reconhecer Deus como divino se ele se revela, em primeiro lugar.

A pergunta sobre Deus estava escondida nas barbas do pensamento de Heidegger durante vários anos, às vezes, de forma benevolente, às vezes, não, mas nunca mais intensamente, parece, que nos anos de 1937 a 1939, quando, nas conseqüências da experiência nazista e na privacidade dos seus aposentos, ele se entregou àquelas especulações que foram eventualmente publicadas sob o título *Beiträge zur Philosophie: vom Ereignis*, 50 anos após sua composição, em 1989. Nesse trabalho, ele fala sobre Deus, deuses, os deuses fluidos e até sobre o “Último Deus”. Comentaristas pensaram muito sobre estas reflexões desde a sua publicação, mas, até onde eu sei, não chegaram a um consenso sobre o seu significado – além do fato, talvez, de que a pergunta sobre Deus para Heidegger permaneceu endereçada até o fim. O que mais pode ser dito?

Pessoalmente, eu acho esclarecedor o relato de Bernard Welte (filósofo, padre da Arquidiocese de Freiburg, antigo estudante que se tornou amigo do velho Heidegger) que narra o que eu tomo por ser a palavra final de Heidegger sobre o assunto. Em fevereiro de 1976, Heidegger, ciente de que estava morrendo, pediu a Welte para que proferisse um curto sermão no seu funeral. Desconcertado, Welte protestou que durante o passar dos anos, Heidegger deixou claro não ser uma pessoa crente, que seu pensamento, quando muito, seria ateuista (isto é, sobre Ser, e não sobre Deus) em essência. “Mas eu nunca deixei [formalmente] a Igreja”, respondeu Heidegger. Finalmente consentindo, Welte perguntou ao velho Mestre sobre o que ele gostaria que ele falasse – qual texto da escritura, por exemplo, ele pensava ser apropriado para se meditar sobre. Heidegger respondeu: “Peça e receberá, procure e encontrará, bata, e a porta se abrirá para você” (Lucas 11:9).

HU On-Line - Quais foram os principais tópicos da carta de Heidegger que serviram de prefácio

ao seu livro *Heidegger: da fenomenologia ao pensamento*. 4ª. ed. New York: Fordham University Press, 2003?

William Richardson - Heidegger concordou em escrever um curto prefácio para esse livro, e eu poderia responder a uma ou duas questões específicas que ofereceriam foco às suas observações. As perguntas pediam por esclarecimento no que dizia respeito a duas questões que foram muito discutidas como boato entre estudantes graduados no Departamento de Filosofia da Universidade de Freiburg na época: uma sobre a origem da busca filosófica de Heidegger, a outra sobre a assim chamada “volta” (*Kehre*) no seu pensamento após 1930. As questões foram:

1. “Como estamos apropriados para entender sua primeira experiência da questão sobre o Ser em Brentano?”
2. “Garantido que uma ‘volta’ ocorreu no seu pensamento, como isto ocorreu? Em outras palavras, como nós estamos para pensar sobre a própria ocorrência?”

A desconstrução em Heidegger, Lévinas e Derrida

Entrevista com Rafael Haddock-Lobo



“Heidegger como Lévinas têm seus pensamentos balizados em um fundamento: o Ser, para o primeiro, e o Outro, para o lituano. Já em Derrida, a *différance* – este princípio de diferencialidade – não pode ser tomado como fundamento, pois ela não tem substância, ela apenas é e causa efeitos”. A afirmação é do filósofo Rafael Haddock-Lobo, em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, na qual traça algumas relações entre os filósofos Heidegger, Lévinas e Derrida.

Haddock-Lobo é bacharel em Filosofia pela UFRJ, licenciado em Letras pela Universidade Salgado de Oliveira, mestre, professor e doutorando em Filosofia, ambos os cursos pela PUC-Rio. Sua dissertação intitula-se *Da existência ao infinito: a redução ética o pensamento de Emmanuel Lévinas* e sua tese, *Sobre a hospitalidade: Derrida leitor de Lévinas*. Sobre este assunto o professor concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* em 12/12/2005. É autor do livro *Da existência ao infinito. Ensaios sobre Emmanuel Lévinas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

***IHU On-Line* - Quais seriam os principais pontos de diálogo entre Lévinas, Heidegger e Derrida?**

Rafael Haddock-Lobo - Em primeiro lugar, todos os três autores em questão partem da leitura (e também de uma crítica) da fenomenologia de Edmund Husserl. Além disso, Heidegger é um filósofo fundamental para os pensamentos de Lévinas e Derrida. Para o primeiro, seja com a enorme influência do filósofo alemão em suas leituras de Husserl ou no posterior ataque à ontologia, em que Lévinas parece querer inverter a importância dada ao Ser em detrimento dos entes na diferença ôntico-ontológica, Heidegger

sempre esteve presente em sua ética. Desse modo, ainda que, mesmo de modo assombrado, pode-se dizer que Lévinas nunca se libertou da sombra heideggeriana. Já Derrida não, pois nunca quis ou pretendeu se libertar desta (nem de nenhuma outra) sombra. Derrida sempre assumiu sua herança heideggeriana – o que era bem complicado em uma França que pretendia se afastar ao máximo deste pensamento desde o fim da Segunda Guerra. Então, para resumir, se Lévinas se mantém em uma constante relação com a diferença ontológica, no intuito de invertê-la e apostar no primado dos entes, Derrida vê nesta diferença a

possibilidade de pensar uma diferença radical, um princípio de diferencialidade, à qual ele chama de *différance*. E a própria tarefa heideggeriana anunciada em *Ser e Tempo* como uma “destruição da Metafísica” vai ser o que, em francês, Derrida traduz por “desconstrução” – e não destruição – sendo este o nome que, posteriormente, nomeia seu pensamento.

IHU On-Line - E os pontos de ruptura?

Rafael Haddock-Lobo - Como antecipei, em Lévinas, vemos muito mais as rupturas que propriamente afinidades com Heidegger. Lévinas queria “limpar” sua filosofia de qualquer ontologia – que, para o filósofo, seria uma das formas mais violentas e perigosas de pensamento, devido justamente ao esquecimento do Outro. Então, poderíamos simplificar dizendo que, quando toca Heidegger, o pensamento levinasiano visa mais ainda a um abandono, a um corte e a uma denúncia de Heidegger. Tudo por uma “simples” razão: a Ontologia é, por excelência, um pensamento do Mesmo e da Totalidade – e não uma ética do Outro e do infinito. As críticas de Derrida são muito mais refinadas que as de Lévinas – e, por isso, muito mais contestadas. Derrida tem por princípio nunca dar uma resposta do tipo “sim ou não” a uma questão. Por essa razão, Derrida não é heideggeriano nem anti-heideggeriano, o que acaba desagradando a ambos os lados. Derrida vê aspectos importantíssimos e perigosíssimos em Heidegger. Entretanto, eu poderia aqui arriscar que o principal ponto de afastamento destes dois filósofos é uma insistência na presença que Derrida vê em Heidegger. O Ser, sendo aquilo que dá sentido a tudo, como uma precisa e obrigatória orientação, por mais que não seja uma coisa, um ente, acaba por ser o que há

de mais presente. Isso colocaria Heidegger, segundo Derrida, como a forma mais sutil e refinada (e por isso a mais perigosa) de “metafísica da presença”.

IHU On-Line - Como podemos entender a desconstrução de Derrida centrada na filosofia de Lévinas e Heidegger? A que conclusões essa desconstrução nos faz chegar sobre a sociedade fragmentária do século XXI?

Rafael Haddock-Lobo - Não poderia dizer que a desconstrução está centrada nas filosofias de Heidegger e Lévinas. Em primeiro lugar, por não haver uma centralidade em seu pensamento e, além disso, por estarmos esquecendo de tantos outros autores que poderiam, ao lado destes dois, serem considerados centrais em seu pensamento, como Nietzsche, Freud, Lacan e o próprio Husserl. Entretanto, com isso em mente, podemos entender que estes dois pensadores anteciparam algo fundamental para Derrida: a diferença. Em Heidegger, sua ontologia parte de uma diferença, a do Ser e dos entes; em Lévinas o princípio da filosofia é a ética, não uma ética nos moldes da moral, mas uma ética do Outro, que tem como princípio a alteridade. No entanto, temos que guardar em mente o fato de que, desse modo, tanto Heidegger como Lévinas têm seus pensamentos balizados em um fundamento: o Ser, para o primeiro, e o Outro, para o lituano. Já em Derrida, a *différance* – este princípio de diferencialidade – não pode ser tomado como fundamento, pois ela não tem substância, ela apenas é e causa efeitos. O problema de chegarmos a conclusões talvez seja um dos impasses mais importantes com os quais a desconstrução se confronta. Isso porque ela não oferece – e nem pode oferecer – conclusões. Um pensamento em tempos fragmentados, em tempos dilacerados

como os que vivemos, não pode mais oferecer verdades, mas apenas mostrar a fragilidade e a desconstrução inerente às estruturas de nossos tempos (seja na filosofia, seja na política, seja nas relações pessoais, seja na Lei etc.). Arrisco aqui dizer que Derrida talvez seja um dos pensadores mais atuais da filosofia, mais contemporâneo. A desconstrução é mais um efeito de nossos tempos – a diferença de outros pensamentos é que ela assume esta fragilidade e o caráter desconstruído de todo discurso, ao invés de pretender oferecer verdades, tapar os buracos e pretender-se sólida ou certa.

***IHU On-Line* – Em que sentido o conceito de alteridade em Lévinas propõe uma virada ética em relação a Heidegger?**

Rafael Haddock-Lobo – A ética, em Heidegger, ocupa um lugar secundário com relação à Ontologia. Esta sim, seria o pensamento original. Com isso, o Ser é o que deve ser pensado, o que é digno de ser pensado, e a tarefa do filósofo, então, passa a ser pensar o Ser de modo próprio e autêntico. Lévinas inverte este esquema e diz que a filosofia primeira é a Ética: que devemos, antes de qualquer coisa, pensar o Outro, pois este é o fundamento e o princípio, antecedendo, sobretudo, a este “eu” que cremos tão seguro, certo e fundamental. Com isso, Lévinas diz que passam a ser – e somente assim – dignas de serem pensadas questões, como a fome, a orfandade, as vítimas da guerra etc...

***IHU On-Line* – Qual é a importância dessa virada na construção do respeito à alteridade na pós-modernidade?**

Rafael Haddock-Lobo – Alain Badiou⁵⁵, em seu *Ética: ensaios sobre a consciência do mal*. Rio: Relume Dumará, 1995, diz – em tom mais que crítico – que Lévinas seria o grande responsável por esta onda de discursos sobre os direitos humanos no século XX. Em parte, isso pode estar correto, porque Lévinas vai, sim, trazer o Outro e a humanidade do outro como temas para a filosofia, mas isso sem cair, de modo algum, em um humanismo, pois se há algo a ser pensado é um humanismo que leve em conta a própria alteridade, e não um modelo ou um ideal de Homem – mas sim o sentido do Outro, que ele chama de “Rosto”. Derrida, por sua vez, radicaliza bastante esta tentativa de Lévinas – e que devo frisar que foi inaugurada por Nietzsche e Heidegger – de superar o humanismo. Não, porém, em nome de um “super-homem”, de um “ser-aí” ou de um “outro homem”, pois, neste sentido, Nietzsche, Heidegger e Lévinas ainda estariam presos a uma certa figura, sombra ou fantasma de humanidade, mas sim em direção a um pensamento de uma alteridade radical, que incluiria os próprios textos, pensadores, animais, línguas e também homens.

***IHU On-Line* – Em que medida a alteridade em Lévinas ainda guarda traços da ontologia heideggeriana?**

Rafael Haddock-Lobo – Como disse, o Ser, em Heidegger, surge como aquilo que não é nem pode ser pensado de modo algum como ente. Surge como diferença e passa a ser o que deve ser

⁵⁵ Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme*. Paris: PUF, 1997, várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

pensado propriamente. Lévinas aposta no outro lado da moeda, no existente, e não na existência, nos entes e não no ser, na ética e não na ontologia etc. Por isso, pode-se dizer, junto a Derrida, que Lévinas mantém o pensamento heideggeriano ao invertê-lo. O que Derrida afirma também, e com isso concordo plenamente, é que, nesta inversão, Lévinas insere algo sutil, que é o Outro como tema na filosofia, como tarefa do pensamento e, com isso, promove uma grande e forte mudança nos eixos da filosofia. Ele não apenas inverte, mas desloca o problema para uma outra maneira de pensar.

IHU On-Line - Como se insere o pensamento de Heidegger na pós-modernidade? Até que ponto ajuda na sua consolidação? Em algum sentido ele é crítico à razão moderna?

Rafael Haddock-Lobo - Heidegger certamente pode ser considerado um autor pós-moderno, deixando de lado aqui todas as prevenções que eu tenho com este termo. Ele é pós-moderno no sentido que ele não aposta mais, de modo algum, na razão moderna, nem no sujeito, nem na consciência. É por essa razão que, em *Ser e Tempo*, ele evita, a todo custo, utilizar-se de um léxico tradicional como homem, sujeito etc. e aposta em seu *Dasein* ou ser-aí. Heidegger crê que a filosofia tradicional nunca pensou propriamente o Ser, e sempre o entificou. Desse modo, apenas uma “destruição da metafísica” poderia dar lugar a esta nova forma de pensar. Devemos, contudo, ter em mente que, desde Husserl, a consciência subjetiva já vinha sendo posta em questão, que a hermenêutica e a fenomenologia das quais Heidegger é herdeiro já iniciavam este movimento que Heidegger, a seu modo, radicalizou.

IHU On-Line - O nazismo, cenário histórico de Heidegger e tantos outros autores que hoje relemos, pode ser considerado uma anomalia ou uma radicalização da própria razão moderna?

Rafael Haddock-Lobo - Se pensarmos friamente, Hitler nada mais foi que, dentre tantos, mais um humanista: ele acreditava, tanto como os franceses da revolução de 1789, em um ideal de homem que deve ser preservado a qualquer custo. E, de fato, isso custou muito. Creio, e não sei se isso foi suficientemente pensado ainda, que o nazismo põe em questão o quanto um ideal de humanidade é perigoso, pois ele acaba por supor que tudo que está fora deste ideal é desumano, ou subumano. Assim foi o nazismo, mas também o humanismo francês, o ideal bolchevique e mesmo um discurso tosco e distorcido como encontramos no Bush filho. O ideal é o que deve ser mantido indene, e assim surgem os tantos inimigos da humanidade...

Eu gostaria de fazer duas observações para pensarmos: primeiro, no que diz respeito ao humanismo do tipo marxista - um ideal, certamente, muito mais nobre que os do terceiro Reich - podemos ver o risco deste ideal, que ainda por cima está ligado a um pensamento dialético e a uma certa noção de progresso, não apenas em um stalinismo ou trotskismo ou mesmo sua versão mais leve, o leninismo, mas já no próprio Marx que, a sua maneira, aceitava quase tranqüilamente, para tomarmos como exemplo, o extermínio das tribos latino-americanas pelos colonizadores, pois, assim, estes povos estariam sendo colocados na marcha histórica que rumaria, enfim, ao socialismo.

Outra questão que me vem a mente agora é sobre Nüremberg. Penso em

Derrida e em Jankélévitch⁵⁶. Este último diz que não há punição para o que se fez para os judeus, que isso foi imperdoável. Então, praticamente, como punir estes criminosos? A questão é que não há como puni-los. Crimes desta espécie não tem medida, extrapolam qualquer possibilidade de julgamento. Isso porque, para encerrar a questão, não dizem respeito à razão humana. E, assim, a razão humana não dá nem nunca vai dar conta de problemas como esse que o nazismo cometeu.

IHU On-Line - Ao reler Heidegger, seu pensamento e sua época, o que devemos levar em conta na constituição de nossa consciência histórica?

Rafael Haddock-Lobo - Primeiro, e antes de tudo, nós devemos ler Heidegger. Não, como muito se fez ou muito se faz, evitar lê-lo. Querendo ou não, Heidegger foi um dos maiores, senão o maior pensador do século XX, e *Ser e Tempo* é indubitavelmente o livro mais importante de sua época. Heidegger traz problemas fundamentais para o pensamento e, mais que isso, traz o pensamento para a existência e exige da filosofia uma atenção à nossa cotidianidade. Nosso modo de ser cotidiano, nossa vivência com os outros, com os objetos, com o mundo, são expressões da verdade do Ser e, por isso, não podem nem devem ser evitadas. Com isso, o autor coloca a filosofia, na esteira de Husserl, Nietzsche e Kierkegaard⁵⁷, na vida. Isso é, na minha opinião, algo que devemos ter sempre em mente – ao invés de pensarmos que a filosofia deve ater-se às esferas singulares e especiais de nossa

⁵⁶ Wladimir Jankélévitch: Filósofo e musicólogo judeu do século XX especialista em Debussy, biógrafo e crítico. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁷ Søren Aabye Kierkegaard (1813 - 1855) foi um teólogo e um filósofo dinamarquês do século XIX, que é conhecido como o "pai" do existencialismo. (Nota da *IHU On-Line*)

existência. Mas há um outro fator que não posso deixar de enfatizar: a já tão citada crítica ao humanismo, que Heidegger, contra o existencialismo de Sartre, desenvolve em carta sobre o Humanismo. A meu ver, a crítica de Heidegger aponta todo humanismo como metafísico, desde o grego ao contemporâneo, passando pelo cristão. Mas podemos ainda fazer reservas a ele. Sobre tudo no que concerne ao tema da historicidade. Se a historicidade se desprende de toda cronologia e passa a ser vista como a Historicidade do Ser, um acontecimento epocal, então este acontecimento não pode ser mensurável por nenhuma valoração. O que acontece não é bom nem mal, simplesmente acontece: assim foi com o tempo grego, com a técnica moderna etc... Então, um acontecimento como o nacional-socialismo, que por muitos, muitos mesmo, foi visto como o porvir de uma época, pode ser de tal modo privado de valoração? Mais uma questão para mantermos em mente.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a influência intelectual de Heidegger sobre o pensamento de Arendt e vice-versa? O que significa o fato deles terem cortado relações em plena época nazista?

Rafael Haddock-Lobo - Apesar de não ser um conhecedor de Hannah Arendt, venho, ao longo dos últimos anos, me incomodando muito com as leituras que a aproximam demais de Heidegger. É inegável o fato da ligação intelectual – e não apenas intelectual – entre os dois. Ele foi, sem dúvida, um mestre, mas aqueles que lêem o pensamento de Arendt como quase uma “aplicação política” da filosofia de Heidegger estão cometendo um crime com a pensadora. E talvez até mesmo com Heidegger. Ela dá um passo muito além de Heidegger, por pensar politicamente, coisa que para Heidegger era uma coisa menor, menos

digna de ser pensada que uma Ontologia. Arendt enfatiza um pensamento político e da política, coisa que, em Heidegger, é inconcebível. Além disso, ao que se sabe, Heidegger nunca deu nenhuma atenção ao pensamento dela. Quanto à questão pessoal, ela foi mais uma dentre muitos que se decepcionaram com Heidegger. Antes de tudo Husserl, que teve sua dedicatória retirada de *Ser e Tempo*. Além disso, nos anos que assumira o reitorado de

Freiburg, Heidegger nada fizera para evitar o afastamento do mestre. Depois, Lévinas, prisioneiro de um campo de trabalhos forçados, começou a pensar nos problemas do pensamento de Heidegger... E, por fim, Arendt. Creio que o problema afetivo não deve ser levado tanto em consideração. É claro que isso agrava, e muito, o problema, mas todos os autores citados apresentaram reservas quanto ao pensamento de Heidegger, e não apenas ao ser humano Heidegger.

“A filosofia heideggeriana é destrutiva e construtiva”

Entrevista com Écio Elvis Pisetta



Pensar é pensar contra si mesmo, argumenta o filósofo Écio Elvis Pisetta, analisando o legado filosófico heideggeriano. Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, ele compara aspectos do pensamento nietzschiano com o de Heidegger, pois “destruição e construção são os dois lados da mesma moeda”. Sobre a vinculação do nazismo à filosofia de Heidegger, “como se um se prolongasse ou se espelhasse no outro”, Pisetta diz que isso é um golpe baixo, porque foge do diálogo. Essas e outras reflexões, como sobre o sentido do ser-para-a-morte, são trazidas por Pisetta à discussão na entrevista que segue.

Graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco (USF), Pisetta é mestre e doutor em Filosofia pela UFRJ. Sua dissertação intitulou-se *O conceito existencial de ciência em Martin Heidegger* e sua tese, *Morte e totalidade: um estudo acerca do ser-para-a-morte e suas remissões para a compreensão da totalidade em Martin Heidegger*. Pisetta leciona Filosofia na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, a adolescentes e adultos do nível médio.

IHU On-Line - Quais seriam as maiores contribuições e limitações de Martin Heidegger?

Écio Pisetta – Para muitos, Heidegger é considerado o pensador mais significativo do século XX, e isso por diversos motivos: como poucos, foi alguém que, durante toda a sua vida, dialogou com a tradição filosófica e seus grandes expoentes, desde os pré-socráticos até os pensadores mais recentes; ocupou-se com as temáticas centrais de cada pensador, com as discussões e conceitos forjados pela filosofia grega – e que orientam grandemente toda a nossa vida atual – e até com a preponderância da ciência e da tecnologia em nossos dias. A tecnologia, por exemplo, deve ser pensada como o acabamento da metafísica.

Heidegger é um pensador atual, não porque discute temas que estão na ordem do dia, mas porque busca dizer aquilo que cada vez é o essencial em todas as questões e tentativas de respostas que o ser humano experimenta. Trata-se do ser. Assim, Heidegger pensa o ser e interpreta a tradição metafísica, em suas diversas variantes, como a história do esquecimento do ser. Em *Ser e tempo* ele se coloca a pergunta sobre o ser. Entretanto, para poder colocar legitimamente esta pergunta, ele necessita fazer uma analítica do *Dasein* (do ser humano, da pre-sença), colocar a questão pelo ser de quem questiona, isto é, pensar a “essência” daquele ente (do ser humano): quem é este que questiona? “O como” é o ser humano mostra-se mais significativo na filosofia heideggeriana do que “o que” é o ser humano. Surge, então, o conflito, sempre presente no pensamento heideggeriano, sobre qual a melhor maneira de determinação do ente.

Existenciais no lugar das categorias ou propriedades

Em oposição às categorias ou propriedades, Heidegger propõe os existenciais: estes são compreendidos como modos de ser. Antes de tudo e, na maioria das vezes, nós estamos naquilo que o autor denomina cotidianidade. As estruturas mais frequentes da cotidianidade correspondem aos existenciais, que são destacados e desdobrados para uma compreensão do humano. A partir disso, podemos dizer que, pelo menos, uma das maiores contribuições de Heidegger à filosofia foi a ocupação com o ser, nos mais diversos autores e temas, bem como a necessidade de sempre de novo pensar os fundamentos ontológicos do ser humano. O que importa não é dizer o que os filósofos pensaram, mas pensar junto com eles. A filosofia heideggeriana é destrutiva e construtiva: pensar é pensar contra si mesmo. Pensar consiste antes numa tarefa, num a-se-fazer cada vez, mais do que uma faculdade racional já resolvida. E qual a maior limitação? Se entendermos “limite” como alguma deficiência, algo que não foi adequadamente trabalhado por algum pensador, é difícil responder. Diz-se, por exemplo, que Heidegger deveria ter fornecido, em sua obra, uma ética... Mas quando lemos a carta *Sobre o humanismo* e *Ser e tempo* somos levados a questionar se tal “falta” constitui “de fato” uma carência. Esta crítica deve-se antes a um problema de compreensão do pensamento de Heidegger. No entanto, todo pensamento concretiza-se, sempre e necessariamente, nos limites de sua história, vinculado aos problemas que lhe servem como pano de fundo. Se o pensamento visa a uma certa transcendência, ao mesmo tempo, ele é sempre imanência, chão, limite. O ser é sempre tematizado com base no ser humano existente, isto é, sempre localizado ou situado, ocupando-se com

os outros, com as coisas e consigo mesmo, dotado de um sentido. Mais do que uma deficiência, a limitação é fundamental para todo pensamento essencial. O que não tem limite, não tem também consistência, e não está sintonizado com seu tempo.

IHU On-Line - Como o filósofo entende o Ser-para-a-morte e como o conceito contribui para a compreensão da totalidade em Heidegger?

Écio Pisetta - A temática da morte aparece de maneira especial, mas não exclusiva, no início da segunda parte de *Ser e tempo*. As reflexões ali realizadas têm por objetivo conquistar uma nova compreensão da morte. Em geral, fazemos uma oposição entre vida e morte. A partir dessa compreensão, quando a morte é, nós não somos, e enquanto nós somos, ela não é. Assim sendo, a morte nada teria ver conosco. A morte, para Heidegger, é experimentada pelo ser humano em vida, isto é, a morte é problema enquanto nós estamos vivos. Desse modo, o ser humano é ser-para-a-morte. Sua vida está sempre remetida para esta experiência extrema, a cada momento. Não podemos desdobrar agora esta noção, mas podemos acrescentar que, em Heidegger, trata-se de uma noção privilegiada, ímpar, e não no mesmo patamar de outras vivências. O ser-para-a-morte é um existencial privilegiado porque ele só pode ser vivido antecipadamente e como “possibilidade”, nunca como alguma “realidade”, que possa ser efetivada, isto é, é sempre antes que vivemos nossa morte. E, sucintamente, retomando a segunda parte da pergunta, a temática da totalidade pode ser assim colocada: se mantivermos a compreensão de que vida e morte se excluem, então a morte é algo que se acrescenta ao ser do homem quando ele morre. Então, ele já não será mais. Disso se concluiria que ele viveria

sempre de uma maneira incompleta, pois nunca incorporaria a morte à vida. Entretanto, esta argumentação, criticada por Heidegger, separa morte de vida. Contra isso, a cunhagem do ser do homem como ser-para-a-morte, visa a compreender a morte e a vida na simultaneidade da existência, no ser aqui e agora em cada atividade. A interpretação existencial inclui a temática da morte na vida humana, enquanto o ser humano é e, retroativamente, o ser humano pode adquirir uma distinta compreensão de si mesmo, dos outros e das coisas, com quem vive, convive, se ocupa, a partir do ser-para-a-morte. A morte não está num “fim”, mas o ser humano, cada vez, é para o fim.

IHU On-Line - De que forma a certeza cotidiana da morte influencia o cotidiano da vida pós-moderna?

Écio Pisetta - De que forma nós, em nossa cotidianidade, estamos certos de nossa morte? Pois todos dizem em alto e bom tom que a coisa mais certa da vida é a morte. Qual a qualidade desta certeza? Por certo, é estranha, porque não sabemos nem o dia nem a hora. Curiosamente, em todas as nossas atividades corriqueiras, o que nós mais fazemos não é determinar com precisão a nossa morte, pois isso é impossível, mas é fugir de toda a determinação da morte. Assim, a certeza é principalmente uma indeterminação do aqui e agora de nossa morte. Percebemos isso nos diversos comportamentos diante dos moribundos, quando consolamos, estimulamos, falamos que tudo vai melhorar, etc.; também nas mil e uma ocupações em que sempre estamos envolvidos.

Se uma das características da vida pós-moderna é o fim de todas as certezas, seguranças, fundamentos da metafísica, podemos ver na certeza cotidiana da morte a exposição da pós-modernidade:

a morte é certa, porém, indeterminada, por isso, possível a todo momento, mas por ora, ainda não... Dessa forma, em todas as nossas ocupações nós nos desviamos de um encontro com o ser-para-a-morte que somos, preenchendo o nosso tempo das mais diversas formas, inclusive fugindo para ideologias as mais diversas, religiosas, filosóficas, psicológicas, científicas etc. Em todos estes posicionamentos, o ser humano esquiva-se de viver no aqui e agora o seu ser como ser-para-a-morte.

IHU On-Line - Quais as relações que se estabelecem entre morte e decisão segundo Heidegger?

Écio Pisetta - Com esta pergunta chama-se a atenção para o aspecto ontológico do ser-para-a-morte, dentro de uma análise existencial do ser humano. O fenômeno da decisão (*Entschlossenheit*), em *Ser e tempo*, leva o ser humano a experimentar-se de modo mais próprio. A decisão, pensada existencialmente, opõe-se ao modo de ser do homem tal como ele o vive em geral, isto é, ao modo de ser impessoal. Como, em geral, é o ser humano? Como todo o mundo é, e raramente apenas como só ele pode ser. Heidegger concebe a idéia de uma experiência própria da existência em oposição a uma imprópria. Apesar de nós, em geral, vivermos impropriamente, perdidos nas teias do impessoal, isso não significa que esta seja a única possibilidade de nosso ser. Assim, decisão pode ser vista como “destrancamento”, liberação ou libertação. O ser-para-a-morte, genuinamente assumido pelo ser humano como possibilidade privilegiada de ser e existir, é também decisão para a morte (não como o suicídio corriqueiramente compreendido). Na decisão para a morte, acontece um destrancamento, uma libertação. Do quê? Da existência como possibilidade, isto é, se vivemos em geral como todo o

mundo vive, tendo em vista a possibilidade da morte, como nossa intransferível possibilidade, podemos balizar de forma própria, isto é, singular, cada atividade ou ocupação de nossa existência. A “propriedade” não é algo fora da existência que nós vivemos, mas é uma transmutação que ocorre no seio da impropriedade: vê-se com novos olhos o que sempre já se viu. Uma existência transmutada. Por isso, Heidegger fala que o ser-para-a-morte deve ser concebido como liberdade para a morte, numa recordação à “morte livre” de Nietzsche.

IHU On-Line - A filiação ao nazismo por parte de Heidegger pode ser entendida como uma consequência de seu pensamento filosófico?

Écio Pisetta - Como li outro dia num jornal, vincular o pensamento heideggeriano ao nazismo, como se um se prolongasse ou se espelhasse no outro, é um “golpe baixo”. E isso por uma simples razão: é o caminho mais fácil para fugirmos do diálogo. É conhecida e muito discutida a participação heideggeriana no partido nazista, mas reduzir uma à outra é não pensar, nem em uma, nem em outra, é não dispor-se a questionar nem o que é filosofia nem o que é nazismo e, sobretudo, é não deixar-se provocar pelas questões levantadas pela filosofia heideggeriana. Seria mais digno aprender a ouvir o obscuro filósofo Heidegger do que soterrá-lo no chavão impensado de “nazista”.

IHU On-Line - Alguns autores associam Heidegger ao projeto nietzschiano de desconstrução da semântica ocidental. O que o senhor pensa disso?

Écio Pisetta - *Ser e tempo* fala da necessidade de destruição da história da metafísica. Como já dissemos, não podemos ver na noção de destruição um

mero aniquilamento do que nos foi legado pela tradição filosófica. Destruir é, de certa forma, assumir ou reconquistar a gênese da tradição, isto é, não meramente aceitar e passar adiante os conceitos herdados, mas investigar suas origens, pensar desde os princípios.

Por isso, não podemos esquecer que, segundo Nietzsche, todo construtor deve ser antes um destruidor. Destruição e construção são os dois lados da mesma moeda. Com base nessa concepção, podemos ver uma certa unidade nos projetos nietzscheano e heideggeriano.

Brasil em foco

Só o desmonte da máquina de desigualdade pode mudar o Brasil

Entrevista com Tânia Bacelar



Tânia Bacelar de Araújo é bacharel em Ciências Sociais e em Ciências Econômicas e doutora em Economia Pública, Planejamento e Organização do Espaço. Lecionou nos cursos de Economia da UNICAP e da UFPE e integra o corpo docente dos cursos de graduação e mestrado em Geografia, Ciência Política e Desenvolvimento Urbano e Regional da UFPE. Foi diretora de Planejamento Regional da SUDENE, secretária do Planejamento, secretária da Fazenda do Estado de Pernambuco e diretora do Departamento de Economia da Fundação Joaquim Nabuco. É diretora da CEPLAN (Consultoria Econômica de Planejamento) e atua como consultora de várias entidades nacionais e internacionais. Ela concedeu a entrevista que segue, por telefone, à redação da *IHU On-Line*, diretamente de Brasília, onde está participando do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, que começou na terça-feira, dia 26 de junho, e termina hoje, dia 29-6-2006. Além de tratar da aplicação da proposta da economia solidária no modelo econômico atual, questionamos a professora Tânia sobre a conjuntura nacional, principalmente no aspecto econômico. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias*, do sítio do IHU, de 29/06/2006.

***IHU On-Line* - Qual é a sua análise do modelo econômico adotado pelo governo Lula? Como o classifica? Ele**

é um modelo direcionado ao consumo popular?

Tânia Bacelar - Gostaria de fazer uma primeira distinção entre a política

macroeconômica e a política econômica mais geral, que inclui outras políticas econômicas que não são o que chamamos de política macro. A política de juros, a política fiscal e a política monetária não estão voltadas para o consumo popular. Elas pretendem garantir a estabilidade da inflação e privilegiam o pagamento da dívida pública, com taxas de juros ainda muito elevadas, embora menores do que as do governo anterior. Mesmo assim, seguiu privilegiando os aplicadores, as pessoas mais ricas, que podem comprar títulos do governo. Com isso, essas pessoas financiam o governo e são muito bem remuneradas.

A política econômica é mais ampla porque inclui, por exemplo, a política industrial. O governo anterior não tinha política industrial e o atual tem. Ele inclui a política de apoio à agricultura familiar. Aí o governo atual faz diferença. O Pronaf, quando terminou o governo Fernando Henrique, aplicava R\$ 2,4 bilhões por ano. Nessa safra, nós estamos aplicando R\$ 9 bilhões. É um aumento muito significativo, e isso amplia o consumo popular, porque os produtores agrícolas são pessoas que produzem alimentos para o mercado interno brasileiro.

Uma outra política diferente é a de crédito, que foi muito ampliada. A participação do crédito no PIB cresceu, e isso facilita e mobiliza o consumo das classes médias para a baixa. O aumento real do salário mínimo foi mais significativo, coincidindo com o índice de inflação baixo e com os preços dos alimentos principais sem crescer muito. Eu gosto de fazer uma comparação: quando surgiu o plano real, um salário mínimo comprava 70% da cesta básica. Hoje o salário mínimo compra duas cestas básicas. É inegável que o consumo popular está crescendo no País. Não é a toa que Lula tem uma imensa predominância de intenção de

voto nas camadas mais pobres da população.

IHU On-Line - Quais as principais consequências que estamos sofrendo do modelo de crescimento adotado nos últimos 50 anos? Como a senhora define esse modelo?

Tânia Bacelar - O modelo hegemônico no mundo é o modelo organizado pelo capitalismo. Ele tem esse traço importante que o distingue, por exemplo, da economia solidária. E, além disso, foi marcado nos últimos anos por uma mudança nos padrões tecnológicos de grande dimensão. Nós ainda vivemos nessa conjuntura de um modelo que busca, principalmente, assegurar lucros. Coincidentemente, vivemos também com uma mudança muito importante nos padrões técnicos, a ponto de a chamarmos na academia de "revolução científico-tecnológica", pois se trata de uma verdadeira revolução, que se dá pela passagem do paradigma mecânico para o paradigma eletrônico. É nesse paradigma que estamos entrando agora. Na verdade, já estamos nele.

E essa é uma mudança que requer um outro tipo de trabalho, outras habilidades dos trabalhadores. O modelo atual é comandado pela esfera financeira da economia, considerando que ele opera em duas esferas: a produtiva e a financeira. A produtiva está em revolução, e os agentes econômicos estão ganhando muito mais dinheiro hoje, aplicando no mercado de moeda e na bolsa de valores. Isso intensifica a contradição do capitalismo: ele é muito bom para aumentar a produtividade e modernizar a economia, mas é muito incompetente para resolver os problemas sociais, que têm crescido no mundo e no Brasil. O resultado dessas tendências é o agravamento da crise social do mundo.

IHU On-Line - O Brasil tem, atualmente, um modelo de desenvolvimento? Qual seria esse modelo?

Tânia Bacelar - As elites brasileiras têm um modelo para fazer do Brasil uma economia capitalista, moderna e uma das principais economias capitalistas do mundo. Esse é o projeto hegemônico das elites brasileiras. O grande problema dessa visão é que o Brasil é um país muito desigual e não vai conseguir ser uma grande economia, nem uma das principais potências, com o quadro de desigualdade social que ele tem. Por isso, é preciso, mesmo crescendo um pouco menos, inserir melhor a sociedade brasileira na vida produtiva do País. Eu não conheço nenhum país entre as potências no mundo que tenha o tamanho da exclusão social que o Brasil tem. Esse é o equívoco da elite brasileira. Ela acha que pode fazer do Brasil uma grande potência com o tamanho da desigualdade social que nós temos. E não pode. Basta ver a crise social instalada nas principais capitais do País.

IHU On-Line - Entre os economistas há duas principais correntes de pensamento com relação ao desenvolvimento brasileiro. Uma diz que o Brasil teria um modelo de desenvolvimento capitalista, e uma outra que diz que o País não tem um modelo de desenvolvimento, que ele está parado, estagnado, desde a década de 1980. Com qual dessas posturas a senhora mais se alinha?

Tânia Bacelar - Em primeiro lugar, basta juntar dois economistas e teremos duas opiniões. Eu partilho mais da primeira opinião. Nós temos um modelo, que é um modelo típico do capitalismo contemporâneo, só que vivemos uma crise financeira muito profunda do Estado brasileiro, que vem

dos anos 1980 e que faz com que o modelo não esteja dinâmico como já foi. Nós temos um modelo, mas ele não é dinâmico. E também concordo com o segundo grupo, na segunda parte da afirmativa, de que estamos crescendo pouco há 25 anos.

IHU On-Line - Como seria um progresso sustentável? Como se podem integrar as possibilidades energéticas no Brasil e na América Latina ao modelo econômico vigente?

Tânia Bacelar - Eu acho que não pode. Nós teríamos que, gradualmente, mudar esse modelo hegemônico, que não dá conta das necessidades da maioria da população do Brasil, nem dá conta das nossas grandes potencialidades. Ele desperdiça muita potencialidade existente no Brasil, exatamente porque ele é excludente, seletivo, apropriado para o pedaço mais moderno do Brasil. E o País não é só o pedaço mais moderno. Mas essa fatia dita "não-moderna" tem muito potencial. Temos que fazer uma mudança desmontando a máquina de desigualdade que foi instalada aqui. Só isso muda o Brasil.

IHU On-Line - Quais são as suas impressões do evento de Economia Solidária em que está participando aí em Brasília? Quais os principais temas que estão sendo discutidos no evento? O que a senhora tira de mais importante até o momento?

Tânia Bacelar - Primeiro, destaco a força que esse tipo de economia já tem no País. O encontro revela isso. Eu achava que tinha menos. Desse ponto de vista, o encontro é positivo para revelar para pessoas como eu, interessadas no assunto, o potencial e os avanços que já se fez. Isso é muito positivo. Em segundo lugar, o evento mostra que é muito difícil consolidar esse tipo de economia no quadro da

hegemonia do capitalismo. É difícil, mas não é impossível.

IHU On-Line - Quais as limitações da economia solidária?

Tânia Bacelar - A principal limitação que ela encontra é o aparato institucional, que está montado para a economia capitalista. Então, temos que atuar com o padrão de economia que se organiza em torno de outros valores, de outras relações sociais e de produção, num ambiente que está elaborado para a economia capitalista. Esse é o principal entrave, tanto que há várias faixas no encontro pedindo mudança do aparato institucional, por exemplo, "novo aparato institucional para as cooperativas".

IHU On-Line - Qual a importância de se debater sobre Economia Solidária na sociedade contemporânea? Quais as possibilidades da sua aplicação dentro desse modelo conservador neoliberal vigente? O que a senhora pensa dessa proposta?

Tânia Bacelar - Estamos discutindo as suas vantagens, mas o fato é que ela existe e já tem uma dimensão interessante. Pelo que tenho lido recentemente, há uma estimativa que

esse tipo de economia já deve representar algo por volta de 1/5 da produção brasileira e mobiliza muita gente. O grande limite é que ele opera num ambiente desfavorável, organizado para outro tipo de economia, que é a capitalista. A base conceitual avançou muito. Hoje já se tem uma produção acadêmica muito mais consistente e as experiências concretas também avançaram muito. No entanto, o que nós temos hoje ainda é um subsídio do que poderá ser quando isso crescer no futuro. O interessante é que isso não acontece só no Brasil. Esse é um debate mundial.

IHU On-Line - A senhora aposta na proposta da economia solidária?

Tânia Bacelar - Aposto. Tenho paciência. É uma construção lenta, mas consistente. É importante destacar que o governo Lula criou uma secretaria de economia solidária. Essa é outra diferença. E essa secretaria tem hoje uma política, um programa de apoio. Eu não acredito que o governo construa a economia solidária, quem constrói é a sociedade, mas se o governo apoiar, é melhor.

Destques da Semana

Entrevista da Semana	pg. 47
Análise de Conjuntura	pg. 51
Memória	pg. 55
Filme da Semana	pg. 56
Deu nos Jornais	pg. 60
Frases da Semana	pg. 61
Destques On-Line	pg. 63

Vaz e a filosofia da natureza

Entrevista com Armando Lopes de Oliveira

Dando continuidade ao tema de capa da edição 186 da *IHU On-Line* intitulado **Jesuítas: quem são?**, publicamos uma entrevista realizada por e-mail com o professor da UFMG, Armando Lopes de Oliveira, aluno do jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002). Armando Lopes de Oliveira é licenciado, bacharel e mestre em Física pela UFMG. Doutorou-se em Física pelo Centro de Estudos Nucleares de Grenoble, França, e é pós-doutor pelo Imperial College, em Londres. O físico coordenou, durante o **Simpósio Internacional Terra Habitável**, realizado pelo IHU em 2005, a oficina *A estrutura do universo e os seus códigos físicos* e ministrou o curso *O caos dedilhado em planilhas Excel*.

O pesquisador concedeu três entrevistas à *IHU On-Line* na edição 143, de 30 de maio de 2005, sob o título *As revoluções causadas pela teoria da relatividade*; na edição 142, de 23 de maio de 2005, celebrando a memória do Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, e na edição 141, de 16 de maio de 2005, a entrevista com o título *A imperiosa criação e recriação dos códigos de entendimento do Universo*. A entrevista que segue foi respondida por e-mail à *IHU On-Line* dando continuidade às discussões suscitadas na edição 186, de 26 de junho de 2006, no número *Jesuítas, quem são eles?*, que, entre outros temas, refletiu sobre o legado do Padre Vaz. Confira!

***IHU On-Line* - Como definiria o Pe. Vaz? Que experiências poderia relatar sobre esse grande filósofo?**

Armando Lopes de Oliveira - Filósofo de primeiríssima grandeza, orgulhosamente modesto e simples, arredio à convivência social vazia e oca, que não prestigiasse os valores do espírito, culto como ninguém, erudito como ninguém, de psicologia tímida, era capaz de tocar com misteriosa varinha de condão, manobrada com uma memória de anjo, tudo o que lia, fazendo transposições criativas de um domínio do conhecimento para outro,

com rara habilidade e criatividade, sem nunca incorrer nas chocantes imposturas intelectuais denunciadas por Alain Sokal⁵⁸. Sua genialidade, erudição e espírito enciclopédico, alicerçados no que há de mais sadio de um espírito cristão que valorizava toda conquista humana de vanguarda, permitiram-lhe a façanha de continuar sendo rigorosamente e sempre um homem do seu tempo. A partir deste

⁵⁸ **Alan Sokal**: físico americano, professor na Universidade de Nova Iorque. Com Jean Bricmont escreveu *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

ponto de vista entende-se por que se tenha transformado em mentor intelectual de tantas faixas etárias e sempre tenha sido consultado por pessoas das mais diversas formações e profissões, desde políticos, filósofos e juristas, até acadêmicos e cientistas das mais diferentes áreas.

Minha experiência em conviver com Henrique Cláudio de Lima Vaz, seja como meu professor (Interpretação de Textos e Filosofia da Natureza, em Nova Friburgo – início da década de 1960; Ética, no ISI – final da década de 1990), seja como amigo, como confidente e como mentor (desde a década de 1960, até alguns meses antes de sua morte) constituiu experiência humana, cultural e espiritual indelével e fascinante.

***IHU On-Line* - Quais foram as grandes contribuições de Vaz na área da filosofia da natureza? Qual é a importância dessa área para a sociedade?**

Armando Lopes de Oliveira - Na década de 1960, em Nova Friburgo, Vaz, articulando-se com o seu companheiro de ordem religiosa, padre Xavier Roser⁵⁹, listado como um dos primeiros PH.Ds a trabalhar em nosso país, e, na época, professor de física na PUC-Rio, conseguiu empreender uma revolução metodológica, na pesquisa e no estudo da filosofia da natureza, revolução essa, no meu fraco modo de entender, de magnitude não inferior ao *Discours de la Méthode* de Descartes⁶⁰ e a *Crítica da*

⁵⁹ **Francisco Xavier Roser** (+1967): fundador do Instituto de Física da PUC-Rio, representante do Brasil na comissão de Energia Atômica da ONU. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁰ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas,

Razão Pura de Kant⁶¹. Pena que tudo tenha permanecido sem ter sido publicado sob a forma de livro. Harmonizar ciência contemporânea e fé não é tarefa fácil e corriqueira. Lima Vaz abriu uma senda importante para isso.

***IHU On-Line* - Poderia caracterizar um pouco mais em que consistiu essa revolução na pesquisa e no estudo da filosofia da natureza? Essa revolução teve continuidade até o presente?**

Armando Lopes de Oliveira - Talvez seja mais rigoroso falar de revolução delineada, mas não consolidada, devido ao desestímulo sofrido, na época de sua

inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶¹ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

consolidação, não apenas pela morte prematura do seu colega e amigo Padre Xavier Roser, que o colocava de cheio em contato com os grandes conceitos físicos (principalmente teoria da relatividade), convidando-o a reelaborá-los como categorias filosóficas, mas ainda pela incompreensão de grande parte dos seus superiores hierárquicos, isso no seio de uma ordem religiosa tão disciplinada como a dos jesuítas. E Vaz não quis transformar-se em uma espécie de *enfant terrible*. De uma coisa Lima Vaz, no entanto, sempre se mostrou intimamente convencido, não se podia continuar a fazer uma filosofia da natureza, imediatamente com base no *bom senso* ou no *senso comum*. Tudo deveria alimenta-se da fonte viva do conhecimento científico. O *logos filosófico* sobre a natureza, segundo Vaz, só faria sentido se mediatizado pelo *logos científico*.

IHU On-Line - Como ele se apropriou da teoria da relatividade?

Armando Lopes de Oliveira - Vaz apropriou-se da teoria da relatividade de maneira análoga à apropriação feita por Kant em relação à física clássica ou newtoniana, mas seguindo pegadas inteiramente diversas, mais próximas do hegelianismo que do kantismo, com base no método dialético por ele elaborado na década de 1960, que perpassa toda a sua imensa e prodigiosa obra filosófica, método este constituído essencialmente de indução histórica, redução crítica e elaboração categorial.

IHU On-Line - Quais foram as contribuições do Pe. Vaz para compreender as relações fé-ética e política?

Armando Lopes de Oliveira - Vaz convida-me a pensar. Como na natureza existem várias escalas, a microscópica, a mesoscópica e a macroscópica, sendo inútil tentar

encarar o ínfimo (escala atômica, nuclear e subnuclear), utilizando-se as mesmas leis válidas para o intermediário (escala humana), ou para o astronômico (escala cósmica), em fé, ética e política deve-se usar uma escala radicalmente humana, de maneira análoga ao que faz a física, ao lidar com o nosso cotidiano: utiliza-se geometria euclidiana e não riemanniana, tempo e espaço newtonianos e não-relativísticos.

IHU On-Line- Poderia explicar um pouco mais a originalidade desse método elaborado por Pe. Vaz?

Armando Lopes de Oliveira - De inspiração hegeliana, o Pe. Vaz fundamentou sua reflexão filosófica no que Hegel⁶² considerava a ciência maior, a história. Cada conceito a ser explorado parte de profunda e bem documentada pesquisa histórica (*indução histórica*), em que procura pôr a descoberto a *denotação* daquele conceito em cada época. Criteriosamente empreende, então, a tarefa de *depurá-lo* de toda *conotação* accidental (*redução crítica*) e captar o que *essencialmente* é lícito afirmar via

⁶² **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente e encarava-as como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, faz uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

cada conceito estudado (*elaboração categorial*). A parte mais árdua e árida é a da *elaboração categorial*. Não é por acaso que o volume dois do tratado de ética de Henrique Vaz é de leitura mais agradável que a do volume dois.

IHU On-Line- Algum outro aspecto que não foi perguntado e deseje acrescentar...

Armando Lopes de Oliveira - Vaz, nos seus últimos anos de vida, perguntava-me com certa frequência se não seria ousadia sua tentar reescrever a Filosofia da Natureza e publicá-la sob a forma de livro. Procurei encorajá-lo... Infelizmente a morte o colheu de forma inesperada. Por sua vez, utilizando inspiração hegeliana, em outra vertente que não a vaziana, o professor Cirne-Lima⁶³, na Unisinos, tem se empenhado

em reelaborar a lógica de Hegel de maneira original e muito promissora.

⁶³ **Carlos Roberto Velho Cirne-Lima:** filósofo brasileiro, professor do PPG Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pelo Berchmannskolleg, em Pullach (Alemanha), doutor em Filosofia pela Universität Innsbruck, (Áustria) e livre-docente pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS). Entre seus livros publicados, citamos: *Realismo e Dialética. A analogia como dialética do Realismo*. Porto Alegre: Globo, 1967; *Sobre a contradição*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993; *Dialética para Principiantes*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. Dele a *IHU On-Line* publicou uma entrevista na 80ª edição, de 20 de outubro de 2003, sob o título *As universidades perderam a unidade do saber* e na 102ª edição, de 24 de maio de 2004, sob o título *Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais*. Na edição 142 da *IHU On-Line*, de 23 de maio de 2005, intitulada *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos*, Cirne-Lima foi um dos integrantes da mesa-redonda que debateu esse assunto com os filósofos Karen Gloy, da Universidade de Lucerna, Áustria, e Günther Küppers, da Universidade de Bielefeld, Alemanha. A entrevista mais recente concedida pelo filósofo à *IHU On-Line* foi na edição 183, de 5 de junho de 2006, quando falou sobre o lançamento do CD-ROM *Dialética para todos*, sob o título *Dialética para todos: Aristóteles com o controle-remoto na mão*. Todas as entrevistas estão disponíveis para *download* no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Análise de conjuntura

Os dois caminhos do México

Entrevista com Carlos Montemayor

Nas vésperas das eleições no México, na sexta-feira passada, dia 30/06/2006, *IHU On-Line* conversou por telefone com o tradutor, ensaísta, poeta e narrador mexicano Carlos Montemayor. A entrevista, que foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 1/07/2006 é reproduzida na presente edição, enquanto ainda se espera o resultado final das eleições. Montemayor formou-se em Letras Ibero-Americanas na Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM). Foi professor da Universidad Autónoma Metropolitana- Azcapzalco (UAM-A). Conferencista reconhecido e lido em diversos institutos e universidades do México, da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos, membro do Conselho Científico Internacional, da Association Archives de la Littérature Larino-Américaine, des Caribes et Africaine du xxe siècle, da Academia Mexicana da Língua Espanhola, é especialista em tradição oral dos maias de Yucatán e impulsionador da nova literatura escrita na língua desse povo e Correspondente da Real Academia Espanhola. Destacamos, entre suas obras, o importante livro *Chiapas, la rebelión indígena de México*. Madrid: Espasa, 1998. Para Montemayor, há só duas opções eleitorais: o continuísmo do presidente Fox no candidato Calderón ou uma certa mudança no compromisso social que estaria presente em López Obrador. Ele localiza no EZLN e *A outra campanha* como uma movimento de cidadania que está bem além do processo eleitoral e tem um caráter contínuo. Montemayor já concedeu entrevista à IHU On-Line** na edição 89ª de 12/01/2004 com o título **A globalização pode ser desativada**

Confira, a seguir, trechos da conversa telefônica do escritor mexicano, estudioso do Movimento Zapatista com a *IHU On-Line*

***IHU On-Line* - Como deixa o País o presidente Vicente Fox?**

Carlos Montemayor - A administração Fox foi desastrosa para o país. Trata-se de um dos piores governos que o México teve nos últimos 60 anos, com um avanço econômico nulo. Um promédio de crescimento do PIB de 1,8%, o que significa, em termos reais,

um decrescimento. Há um desgaste social muito notório pelo desvanecimento enorme que teve o país e uma desvalorização da ação política. Foi um governo marcado pelo cinismo e a corrupção.

***IHU On-Line* - Quem se beneficiou com Fox?**

Carlos Montemayor - A maior parte do empresariado beneficiado com as fraudes bancárias que foram depois consideradas uma dívida pública estão felizes com a administração foxista. Grande parte dos quadros de extrema direita do país está também feliz. Houve um grande empobrecimento, uma perda do poder aquisitivo dos trabalhadores mexicanos, mas houve também uma enorme campanha midiática do governo que confundiu a realidade com a fantasia; gestão do governo com campanha mercado-técnica nos meios eletrônicos. O governo foxista não poupou investimentos para criar, nos meios eletrônicos e na imprensa, uma imagem positiva que se afasta da realidade do país.

***IHU On-Line* - Quais foram os efeitos mais negativos do Tratado de Livre Comércio (TLC) com os EUA?**

Carlos Montemayor - A concentração da riqueza e dos benefícios das exportações em mãos internacionais e nas mãos de uma cúpula de empresários mexicanos e estadunidenses que não representaram nenhum benefício social para a população.

***IHU On-Line* - Há possibilidade de sair do Nafta?**

Carlos Montemayor - Possibilidade de negociar o Nafta sempre haverá, mas a administração foxista, terceiro governo do mesmo projeto no México, de uma mesma política econômica: o de Carlos Salinas de Gortari, Ernesto Zedillo e Vicente Fox, não tem essa perspectiva. O governo Fox impulsionou o mesmo projeto que os anteriores. Em nenhum momento, embora todo o país esperasse isso, o presidente Fox questionou modificar esse modelo. Foram períodos em que México se dobrou aos Estados Unidos que beneficia os consórcios internacionais. Não havia vontade alguma de modificar o TLC. O governo

Fox está de acordo com o Nafta, com as políticas migratórias do Governo Bush e com a submissão aos EUA, de maneira que não havia a menor possibilidade de mudar.

***IHU On-Line* - Concorde em que essa eleição apresenta três caminhos?**

Carlos Montemayor - Três principais candidatos, mas dois principais caminhos.

***IHU On-Line* - Um terceiro caminho não seria o do voto nulo defendido pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)?**

Carlos Montemayor - Acho que o Exército Zapatista não promove a abstenção, e sim a criação de uma força cidadã não-submetida aos interesses e conjunturas dos processos eleitorais. Uma força cidadã que possa agir além desses processos. Esta é uma das falhas fundamentais da vida política mexicana, não contar com uma cidadania ativa, além de cada processo eleitoral.

***IHU On-Line* - Voltando, então, às duas opções, elas apresentam muitas diferenças?**

Carlos Montemayor - Continuar com o projeto de política econômica de Salinas, Zedillo e Fox na candidatura de Felipe Calderón, do Partido Ação Nacional (PAN) ou de Roberto Madrazo, do Partido Revolucionário Institucional (PRI) ou modificar algumas variáveis deste projeto para fortalecer a intervenção do Estado Mexicano em um mínimo de bem-estar social, que seria o caso de Carlos Manuel López Obrador, do Partido de la Revolución Democrática (PRD). Só que haveria duas únicas opções: a continuidade da política ou alguma modificação de benefício social com López Obrador. Estas são as duas opções eleitoralmente possíveis no México neste momento.

***IHU On-Line* - Considera López Obrador um candidato de esquerda?**

Carlos Montemayor - Neste momento, a esquerda é um conceito tão elástico e revertível que considero melhor falar em termos mais simples. A extrema-direita está representada pelo PAN de Calderón. Uma direita moderada está representada pelo PRI de Roberto Madrazo. No caso de López Obrador, talvez pudéssemos falar de centro-esquerda ou de um governo de centro pragmático com uma orientação mais social, mais nacionalista, mais de interesse popular. A esquerda no mundo, neste momento, pode se confundir não com posições extremas de radicalização de políticas econômicas, e sim poder-se-ia confundir com a diferença do Estado Soberano, a diferença do Estado de bem-estar ou do Estado benfeitor, a defesa de um mínimo de bem-estar social. A esquerda se aproxima ao que no período da guerra suja chamávamos de governo de centro.

***IHU On-Line* - Comparável a Lula no Brasil?**

Carlos Montemayor - Exatamente, acho que seria comparável.

***IHU On-Line* - Ou mais comaprável a Evo Morales?**

Carlos Montemayor - (Risos) Não, é claro que não. O que Bolívia está vivendo com Evo Morales, México o viveu em 1936, há 70 anos. Tem chovido muito a partir desse momento.

***IHU On-Line* - As pesquisas anunciam empate técnico entre os dois candidatos, Calderón e López Obrador, qual será o desfecho?**

Carlos Montemayor - Parte da fraude oficial que está cometendo o governo de Fox para apoiar a seu candidato, Calderón, consiste nesta confusão: acreditar num empate técnico. Não há um empate técnico, é um conflito de

discurso. Campanha de confusão política apoiada pela administração foxista. O “empate técnico” é parte da manipulação que caracterizou a Campanha eleitoral.

***IHU On-Line* - O que podemos esperar e o que não podemos esperar da gestão de López Obrador?**

Carlos Montemayor - Devemos reconhecer que a mudança de um governante não muda uma sociedade. No mundo contemporâneo, cada vez há menos espaço para que a decisão de um só governante modifique a realidade política, internacional ou econômica de um país. O que podemos esperar é uma mudança na orientação geral da política econômica e da política internacional e no compromisso do Estado com o bem estar da sociedade mexicana. A história do México teve, durante muitos anos, este compromisso: com a saúde, educação pública, moradia, comunicações etc. Desde que começaram os governos de Salinas, de Gortari e os outros, esses princípios começaram a ser desmantelados. Podemos esperar de López Obrador a recuperação do compromisso social. Dessa maneira, esperaríamos uma participação econômica do estado mexicano maior que a atual. Nas últimas três administrações, o Estado mexicano se converteu numa espécie de gerência funcional de empresas no lugar de ator que intervém na vida econômica do país. Esperamos, então, uma intervenção maior do Estado na vida econômica, portanto uma melhora na economia. Essa seria uma administração mais proveitosa que as anteriores.

***IHU On-Line* - Acha que pode haver uma maior integração latino-americana?**

Carlos Montemayor - Não sei por que também depende das administrações dos outros países e das medidas que

possam tomar os EUA. Medidas que sempre foram fatais na vida de nossos países.

IHU On-Line - Com as novas lideranças de Morales e Chávez, não poderia haver novas integrações, inclusive energéticas, que fortaleçam as nossas economias?

Carlos Montemayor - Poderia. É desejável que isso aconteça. Mas depois de tantos anos de submissão econômica da empresa pública mexicana na questão energética, não sabemos qual será a reação dos EUA numa mudança que o afronte, uma proposta de integração da América Latina.

IHU On-Line - Qual é a maior conquista de A outra Campanha do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)?

Carlos Montemayor - O importante de *A outra Campanha* é o valor que tem para entender a política do México neste momento, não conforme as cúpulas, e sim conforme as realidades sociais. Não há uma força cidadã no México capaz de agir permanentemente além dos interesses conjunturais de cada processo eleitoral. Esse é um sinal múltiplo do EZLN. Não vê a política do México segundo os interesses das elites, e sim dos que estão *abajo* e não vê a mobilização da cidadania em função dos interesses eleitorais, mas como atividade necessária em todo o momento no país. Um terceiro aspecto é que o EZLN desenvolveu essa outra campanha depois de ter culminada a aplicação dos acordos de San Andrés. E eles foram aplicados nesse processo de vários anos,

que foram as juntas de bom governo. De forma que o EZLN não substitui seus objetivos iniciais. *A outra Campanha* é uma atividade adicional que se soma e consolida a trajetória do EZLN.

IHU On-Line - Haveria uma meta em A outra Campanha de derrocar o governo em 2012 sem usar meios violentos. Como pode ser isso?

Carlos Montemayor - Acho que não podemos falar de uma mudança imediata tão radical. A experiência do EZLN é importante, mas não creio que possa obter resultados nacionais dessa magnitude em tão pouco tempo.

IHU On-Line - O Movimento Zapatista não tem uma postura oficial com relação ao voto nas atuais eleições, então?

Carlos Montemayor - Não, não. Não se propôs a intervir nas eleições neste momento. O que procurou é o contexto eleitoral para chamar a cidadania e a elite de poder no México para as necessidades de perspectivas que em algum momento o país inteiro terá que tomar.

IHU On-Line - E qual será o futuro do Movimento Zapatista?

Carlos Montemayor - Não sei. O EZLN teve sempre grande imaginação e criatividade. Já fortaleceu seu trabalho com os territórios autônomos e suponho que seguirão mostrando a presença nacional em muitos aspectos e que haverá um trabalho de avaliação do processo de *A outra Campanha*.

José María Mardones, filósofo da religião

José María Mardones, filósofo e sociólogo espanhol, conhecido também no Brasil por seus livros, faleceu na sexta-feira da semana passada. Traduzimos e publicamos um breve artigo de Reyes Mate, publicado no jornal El País, 26-6-2006 e nas Notícias Diárias do sítio www.unisinos.br/ihu no dia 27-6-2006.

Nas livrarias Gandhi, do México ou Argentina, um dos filósofos espanhóis mais vendidos é José María Mardones, que faleceu no dia 23 de junho, em Madrid, fulminado por um ataque cardíaco, aos 63 anos de idade. Formado na Alemanha, professor de Sociologia na Universidade do País Basco e pesquisador do CSIC no Instituto de Filosofia desde o seu início, foi um fecundo autor no campo da filosofia e da sociologia da religião.

Dialéctica y sociedad irracional. La teoría de la sociedad de M. Horkheimer, uma das suas primeiras obras, foi pioneira na recepção espanhola da Escola de Frankfurt, uma linha de trabalho que daria muito fruto, vinte anos depois, no seu livro *Habermas y religión* (1998). Agora que o pensamento conservador descobriu Habermas que fala com Ratzinger, o livro de Mardones pode ajudar aos habermasianos de última hora a compreender o rigor e a exigência do filósofo alemão no tratamento da religião.

A formação sociológica lhe permitia seguir com autoridade os avatares do fenómeno religioso. No seu livro *Capitalismo y religión* estudava com olhar crítico as chaves da religião política neoconservadora e no livro *Postmodernidad y cristianismo* se

interrogava sobre o lugar da religião num mundo desestruturado.

Hoje, quando tanto interesse desperta o interesse social e político das religiões, pode-se dizer que José María Mardones foi um dos analistas espanhóis mais qualificados no estudo das dimensões políticas do fenómeno religioso contemporâneo.

Sua fecunda obra foi sua vida: clara e próxima. A claridade da sua escritura lhe garantia uma notável fidelidade dos leitores e a claridade na palavra converteu-o num dos conferencistas mais solicitados, tanto na Espanha quanto na América Latina. E a proximidade como método. Interessavam-lhe os problemas em suas manifestações concretas, no que tinham de vivo ou morto para os contemporâneos, ainda que não temia enfrentar assuntos mais teóricos como nos livros *La vida del símbolo e Teoría crítica y razón comunicativa*.

Foi-se sem avisar, com uma agonia que durou poucos segundos. Sendo como era um trabalhador infatigável, será esperado em muitos fóruns, inutilmente, para que cumpra os compromissos assumidos. E vamos sentir a falta de um homem amável, sempre pronto para escutar, disposto à concórdia e capaz de contagiar sua seriedade cristã pelas perguntas últimas.”

O Homem Urso

(Grizzly Man) de Werner Herzog

Ficha Técnica:

Nome: O Homem Urso

Nome original: Grizzly Man

Cor filmagem: Colorida

Origem: EUA

Ano produção: 2005

Gênero: Documentário

Duração: 103 min

Classificação: 12 anos

Pablo Villaça, crítico de cinema, comenta o filme *O Homem Urso* de Werner Herzog na página www.cinemaemcena.com.br, no dia 21-6-2006.

“Todo o bom filme é também um documentário sobre sua época” - Eric Rohmer

O Homem Urso é uma das maiores obras-primas da carreira de um cineasta que vem conquistando, ao longo dos últimos 44 anos, um lugar mais do que merecido entre os ícones da Sétima Arte – e o que algumas vezes lhe falta de estilo é mais do que compensado pelas complexas discussões que seus filmes (de ficção ou documentários) inspiram. Dono de uma personalidade fascinante, o alemão Herzog, certa vez, se atirou em um cacto e, em outra ocasião, comeu o próprio sapato (algo registrado em um curta-metragem de 1980) como pagamento de apostas feitas com o elenco de um de seus projetos e com o documentarista Errol Morris, respectivamente. E se isso comprova algo (além de sua excentricidade) é o fato de que ele leva muitíssimo a sério sua palavra e suas ações.

Todo o bom filme é também um documentário sobre sua época”, disse o diretor francês Eric Rohmer – e algo parecido se aplica a realizadores tão particulares quanto Herzog: em suas obras, conhecemos também o *Homem* por trás dos filmes, mesmo que este não tenha a intenção de se deixar conhecer. Assim, ao escrever sobre *O Homem-Urso*, o envolvente retrato de um indivíduo confuso, não posso deixar de reservar um espaço para seu diretor, cujas filosofias de vida e trabalho são aspectos sempre presentes ao longo da projeção.

O Homem: Herzog

Em outubro de 2003, o ativista norte-americano Timothy Treadwell, que durante 13 anos manteve o hábito de acampar durante o verão em uma

reserva florestal do Alaska habitada por ursos pardos a fim de “protegê-los”, foi morto e devorado (ao lado da namorada) por um dos animais aos quais devotava sua vida. Como legado, deixou mais de 100 horas de imagens gravadas ao longo de suas cinco últimas temporadas ao lado dos ursos – e é com base neste material, complementado por entrevistas com pessoas que conheceram e conviveram com o ecologista, que Werner Herzog desvenda as reais motivações que levaram o sujeito a adotar um estilo de vida tão perigoso.

Racional ao extremo, o cineasta certamente não se contenta com a resposta óbvia (“amor aos ursos”) e, ao longo do filme, acaba deixando evidente que seu interesse por Treadwell não se deve ao trabalho ecológico deste – aliás, Herzog procura até mesmo demonstrar (com sucesso, diga-se de passagem) que as viagens de seu “personagem” ao Alaska não faziam a menor diferença no que dizia respeito à proteção dos animais. E mais: o amor incontido de Treadwell pela natureza soa, para o diretor, como sinal de uma inocência preocupante, incompatível em um adulto que se julga “funcional”. Ao analisar o choque que o rapaz experimenta ao encontrar uma raposa morta, por exemplo, Herzog manifesta sua visão irremediavelmente pessimista do mundo:

“Ele parece ignorar que na natureza há predadores. Eu acredito que o denominador comum do Universo não é a Harmonia, mas sim o Caos, a Hostilidade e o Assassinato”.

Em parte, é isso que torna *O Homem Urso* tão brilhante: as filosofias absurdamente contrastantes do documentarista e seu objeto de estudo.

Interlocutor sempre atencioso, Herzog divide com realizadores como Eduardo Coutinho e João Moreira Salles o talento para deixar seus entrevistados completamente à vontade – a ponto de levá-los a fazer declarações que denotam elementos comprometedores de suas personalidades (como o piloto de helicóptero que afirma que Treadwell “teve o que merecia” e o médico-legista que, apaixonado pela câmera, parece não perceber como seu sadismo assustador jorra sobre o espectador). Porém, se o cineasta não poupa aqueles que expõem suas vilezas, sua postura diante da vulnerabilidade de certos entrevistados é tocante, como denota o carinho que demonstra ao lidar com Jewel Palovak, ex-namorada e uma das melhores amigas de Timothy Treadwell. Além disso, Herzog, diferentemente do que faz a maior parte dos relatos sobre a morte do ativista, faz questão de se aprofundar também na morte de sua companheira Amie Huguenard, mesmo com todas as dificuldades impostas pela situação (ela aparece apenas três vezes nas fitas de Treadwell e seus pais se recusaram a gravar depoimentos para o filme): desta maneira, o documentarista investiga os diários do ecologista e revela que Huguenard, ao contrário do namorado, tinha medo dos ursos, e que dizer que o casal morreu “fazendo o que gostava” (como alguém afirma, em certo momento) é uma grande mentira – ao menos, no que diz respeito à moça.

Outro objeto de fascínio para Herzog, como não poderia deixar de ser, é o próprio material deixado por Treadwell ao longo de cinco anos de gravações – e se não tenta justificar as ações ecológicas do sujeito, o diretor assume outra postura no que diz respeito ao trabalho de Timothy como “cineasta”: em vários momentos, *O Homem Urso* se detém no método de trabalho de seu

personagem-título, como seu hábito de repetir tomadas e as surpresas que naturalmente surgem durante longos planos sem cortes. E, mesmo exibindo uma curiosidade atípica (para alguém tão racional), sobre a aparente hesitação de Treadwell em abandonar o quadro ao filmar o último plano de sua vida, Herzog demonstra um respeito admirável ao não incluir, no longa, o áudio gravado durante o ataque do urso que matou o casal (acompanhamos apenas a reação do próprio cineasta ao escutar a fita); é como se ele se recusasse a invadir aquele que talvez seja o instante mais íntimo na vida de um indivíduo: sua morte.

Ao final de *O Homem Urso*, Werner Herzog não apenas cria um tributo comovente a um homem que, na tentativa de se encontrar, acabou se destruindo, como também esclarece aquele que considera o grande equívoco cometido por Timothy:

“O que me assombra é que, em todas as caras de todos os ursos filmados por Treadwell, eu não descobri nenhuma simpatia, compreensão ou piedade. Vi apenas a impressionante indiferença da natureza. Para mim, não existe um ‘mundo secreto dos ursos’, e este olhar vazio revela apenas um interesse entediado por comida”.

Já Treadwell leu, na expressão daqueles animais, algo que procurava desesperadamente – e, para Herzog, este erro inspira um sentimento diferente: piedade.

O Urso: Treadwell

Bom, ele amaldiçoou todas as estradas e a velha mula

*E ele amaldiçoou o Automóvel
Disse: ‘Este não é o lugar para um
homem como eu’*

*Neste mundo novo de asfalto e aço
Então ele olhou para algum lugar
distante*

*Para algo que apenas ele podia
enxergar*

*Ele disse: ‘Tudo o que resta agora dos
velhos tempos*

São os malditos coiotes e eu’.

É com esta música, na voz triste de Don Edwards, que Werner Herzog conclui *O Homem Urso*, um estudo de um personagem real, Timothy Treadwell, que morreu ao lado da namorada sob as presas de um urso pardo – justamente um dos animais aos quais dedicava sua vida, filmando-os durante o verão e realizando palestras no restante do ano (ele não cobrava um centavo para visitar escolas em todos os Estados Unidos, tamanha era sua paixão pelo tema e por crianças). Intitulando-se “O Guerreiro Gentil”, Treadwell insistia que suas viagens anuais ao Alaska eram fundamentais para a proteção dos ursos que moravam em uma grande reserva florestal do Estado – e, para cumprir seus objetivos, não hesitava em entrar em conflito com as autoridades responsáveis pelo parque.

A esta altura, você provavelmente já está questionando a lógica da última frase: por que os animais de uma *reserva*, de um *parque*, precisariam de proteção? A resposta é simples: *não* precisavam. Esta é a primeira incongruência na história de Timothy Treadwell que leva Werner Herzog a se interessar pelo ecologista, cujo trabalho chegava a ser considerado, pelos nativos Alutiiq, como desrespeitoso e prejudicial aos ursos, que formavam uma população estável e, portanto, não corriam risco algum de extinção – e a alegação de que a caça ilegal ameaçava os animais é

facilmente desmentida por um biólogo da região. Assim, por que Treadwell se forçava a acreditar que sua permanência no local era tão importante? É esta, a pergunta que move *O Homem-Urso*.

Ex-alcoólatra, ator frustrado e sobrevivente de uma *overdose*, Timothy decidiu, após sua experiência quase fatal com drogas, que era hora de procurar uma *persona* diferente para si mesmo – e apenas o fato de ter que “procurar” por uma identidade revela um desajuste patente e uma insegurança colossal sobre o próprio lugar no mundo. “Eu não tinha vida”, ele diz a uma raposa, em uma de suas fitas. Infelizmente, a vida que ele encontrou se baseava, ao menos parcialmente, em mentiras – incluindo um sotaque falso. Desta forma, não é difícil concluir que sua luta pelos ursos envolvia, também, sua própria necessidade de se sentir como parte de algo maior.

Passando meses sozinho em meio aos animais, Treadwell gradualmente começou a encarar suas duas câmeras como verdadeiros confessorários, expondo para as lentes seus sentimentos de inadequação, suas frustrações, suas dúvidas sobre Deus, mas também seus sonhos e ambições – e, julgando que suas confissões posteriormente passariam por seu próprio crivo, deixou aberta, no processo, uma janela para que pudéssemos ter a rara experiência de testemunharmos um ser humano rasgando-se completamente diante de nossos olhos, mesmo quando não demonstra estar ciente dos significados escondidos por trás de algumas afirmações. Ao falar sobre suas aventuras amorosas fracassadas, por exemplo, o rapaz cogita que sua vida talvez tivesse sido mais fácil caso ele

fosse homossexual – algo que, somado à sua insistência exagerada em afirmar que “ama garotas” e ao seu histórico de negação de identidade, nos leva a questionar sobre uma provável confusão com relação à sua própria sexualidade.

Vítima diagnosticada de depressão maníaca, Timothy se negava a tomar os medicamentos necessários por acreditar que seus “altos e baixos” eram parte importante de sua personalidade – e sua insistência em discutir a possibilidade de morrer em um ataque de urso indicava não sua preocupação, mas sim um certo fascínio pela situação, como se precisasse disso para sentir-se vivo. Da mesma maneira, suas ocasionais explosões de cólera diante da câmera soavam mais como necessidade teatral de afirmar-se do que como desabafo real, o que fica claro em sua calma prontamente restabelecida assim que as tomadas chegam ao fim.

Igualmente revelador – e comovente – é seu hábito de declarar amor a praticamente tudo que vê em suas passagens pela reserva, de abelhas mortas a raposas e ursos. É como se, em sua necessidade de amar e ser amado, Timothy encontrasse, entre os animais, a liberdade e a confiança necessárias para entregar-se aos próprios sentimentos. Aliás, resume-se, aí, sua história: fugindo de uma Sociedade repleta de intolerância, preconceitos e desonestidade, Treadwell pensa descobrir, na natureza, o mundo ideal que sempre buscou – e sua paranóia diante de mensagens claramente jocosas de alguns “intrusos” denota o medo que sente de tudo que remete à humanidade de modo geral. Portanto, quando Herzog compara a geografia tortuosa de determinada região à alma confusa de seu protagonista, a metáfora

surge incontestável e dolorosa: para o ecologista, viver entre ursos é algo mais seguro e reconfortante do que ter que se submeter ao julgamento constante de seus pares (e ao chocar-se com o canibalismo dos ursos, distancia-se ainda mais da pose de especialista nos animais e revela sua tristeza ao constatar que seu mundo perfeito não é tão inocente quanto desejava).

No final das contas, a vida de Timothy Treadwell resume-se a uma ironia e a uma tragédia. A ironia é que os mesmos ursos que o salvaram, tirando-o do “mundo de asfalto e aço” cantado por Don Edwards, também viriam a tomar sua vida. A tragédia é que, por mais que insistisse na importância de suas atividades na reserva, seu trabalho era vital apenas para uma pessoa: ele mesmo.

Deu nos jornais

A semana, no Brasil, foi dominada, além da Copa do Mundo, por três temas.

Ministro de Agricultura

O primeiro foi a demissão do ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues. O significado político da sua saída e a nomeação do seu substituto foi tema das notícias diárias dos dias 29/6, 30/6 e 1/7.

TV Digital

O segundo foi a oficialização da opção brasileira pelo padrão japonês da TV Digital. O fato, já preanunciado e comentado há muitos meses, também nas *notícias diárias* foi amplamente comentado e analisado no mesmo espaço nos dias 27/6, 28/6, 29/6 e 30/6. Ressaltamos as entrevistas com Valério Britos e Alexandre Kieling, publicada no dia 30/6 e 28/6, respectivamente.

Igualdade Racial

O terceiro tema, não tão amplamente divulgado quanto mereceria, foi o manifesto de intelectuais contra o Estatuto da Igualdade Racial. O manifesto é assinado por intelectuais do porte de Gilberto Velho, Luiz Werneck Viana, Caetano Veloso, entre outros. Confira as *notícias diárias* do dia 30/6.

América Latina

México

Na América Latina, dois países se destacaram. No México as eleições presidenciais foram destaque nas *notícias diárias* dos dias 28/6, 29/6, 30/6, 1/7, 2/7 e 3/7. Ressaltamos a entrevista especial com Carlos Montemayor publicada no dia 1/7 e nesta edição. Também reproduzimos entrevistas com Néstor García Canclini, com Carlos Monsiváis e Enrique Krauze nos dias 2/7, 28/6 e 3/7 respectivamente.

Bolívia

Por sua vez, a Bolívia vota neste domingo os participantes da Assembléia Constituinte e o plano de autonomia. Confira as *notícias diárias* nos dias 1/7 e 2/7. Evo Morales

denunciou novamente os ataques dos EUA contra o seu governo. Confira as *notícias diárias* do dia 27/6. E, visitando a Argentina, onde foi recebido em grande estilo pelo presidente Néstor Kirchner, foi oficializado o ingresso da Bolívia no projeto do Grande Gasoduto do Sul conforme as *notícias diárias* do dia 30/6.

Venezuela

E na Venezuela, Hugo Chávez, candidato à reeleição teve uma grande vitória política. A oposição anunciou que não conseguiu se unificar para apresentar um candidato único para as eleições presidenciais. Confira as *notícias diárias* do dia 28/6.

Timor Leste

No Timor Leste, cuja dramática situação procuramos acompanhar nas últimas semanas, o primeiro-ministro Mari Alkatiri, renunciou e assumiu, provisoriamente o posto José Ramos Horta, prêmio Nobel da Paz. Veja as *notícias diárias* do dia 26/6.

Vaticano

No Vaticano Ratzinger continua a reforma da Cúria. Nesta semana antecipou a oficialização da nomeação do cardeal Tarcisio Bertone, arcebispo de Gênova, como secretário de Estado. Trata-se um dos postos proeminentes do Vaticano. Bento XVI antecipou a nomeação, prevista para o dia 15 de setembro, por causa das fortes pressões curiais contrárias à nomeação. Bertone é teólogo e não diplomata. No próximo final de semana Bento XVI visita a Espanha. Confira as *notícias diárias* do dia... Confira também a entrevista de Hans Küng, *notícias diárias* do dia 28/6.

Religião no Brasil

Brasileiro deixa religião, mas mantém fé foi um dos destaques das *notícias diárias* do dia 28/6 comentando uma pesquisa do Ceris. Um artigo de José de Souza Martins comenta a pesquisa. Confira as *notícias diárias* do dia 2-7-2006.

Frases da semana

Eleições

”Entre os ex-presidentes (José Sarney) é o que mais sabe ser ex-presidente. Ele não dá palpite, dá conselhos. Não fala com a imprensa, fala com a gente. É um parceiro surpreendentemente extraordinário.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Globo*, 27-6-2006.

“Esse negócio de eleição só está me atrapalhando. Não posso dar aumento aos funcionários públicos, não posso liberar dinheiro aos municípios, não posso fazer nada. A campanha nem começou e eu já estou de saco cheio!” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Globo*, 1-7-2006.

”Se Lula é festejado pelos banqueiros, é tido como um regenerado; se é festejado na favela, é um degenerado.” - Elio Gaspari, jornalista, *Folha de S. Paulo*, 28-6-2006.

”Como tenho 76 anos, todos querem ser meu suplente porque pensam que vou morrer cedo. Seria o melhor negócio nesta eleição. Estão todos enganados. O suplente ficará oito anos me vendo trabalhar. Ainda viverei muito.” - Pedro Simon, senador, PMDB-RS e candidato à reeleição - *Zero Hora*, 28-6-2006.

Agronegócio

”Nas duas primeiras safras de 2003 e 2004, os fazendeiros brasileiros do agronegócio acumularam uma renda extra de 50 bilhões de reais. Depois na crise de 2005 e 2006, esses mesmos fazendeiros tiveram um prejuízo de 25 bilhões de reais. Por tanto o balanço para o agronegócio é positivo durante o governo Lula” - Fernando Homem de Mello, especialista em política agrícola, da USP, em entrevista para a UOL noticias-video, por telefone - 28 de junho de 2006.

Racismo

”Hoje entre nós brasileiros há um sentimento difuso verdadeiramente fascista, racista em relação aos marginalizados. Um racismo muito estranho para um país mestiço que é etnicamente todo misturado. Não é um confronto entre alemães e turcos, mas entre mouros contra negros, mulatos claros contra mulatos escuros. É um violento sentimento de exclusão. Como as cartas dos cidadãos que se podem ler nos jornais, sobretudo depois desta onda forte de violência que acometeu São Paulo no mês de maio: são horríveis, terríveis, dá vontade de desaparecer daqui. De ir embora.” - Chico Buarque em entrevista publicada hoje no jornal italiano *Repubblica*, 28-6-2006.

”As classes ricas da América Latina são os piores ricos do mundo.” - Elena Poniatowska, escritora mexicana - *Clarín*, 2-7-2006.

Desemprego

”Entre mais inflação e mais desemprego, escolhe sempre mais desemprego. O país é conservador e não se incomoda com a criminalidade. Vota em gasolina e importados baratos. Produção, emprego e crescimento não ganham eleição” - João Sayad, economista - *Folha de S. Paulo*, 3-7-2006.

Eleições no México

”Os nossos sonhos não entram na urna” - palavra de ordem dos zapatistas, ontem, no Zócalo, na Cidade do México - *Repubblica*, 3-7-2006.

O Brasil na Copa

”O time saía unido do Brasil (em 1958, na Suécia), todo mundo uniformizado, fazíamos uma visita ao presidente. Tinha jogo de despedida, voltávamos unidos. Havia um simbolismo, um romantismo. Isso mudou, como mudou o mundo. Agora, a convergência é outra. Os jogadores moram na Europa. É tudo diferente” - Carlos Alberto Parreira, técnico da Seleção Brasileira - *Folha de S. Paulo*, 3-7-2006.

”Ninguém desaprende de uma hora para outra. Algo aconteceu” - Assis, irmão

de Ronaldinho Gaúcho, tentando explicar o fracasso do irmão na Copa - *Zero Hora*, 3-7-2006.

"Devemos sepultar o cadáver com dignidade" - Carlos Alberto Parreira, técnico da Seleção Brasileira - *Repubblica*, 3-7-2006.

"Perdoem-nos, não fomos o Brasil" - Kaká, jogador da Seleção Brasileira - *Repubblica*, 3-7-2006.

Destaques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas para o sítio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

Título: Uma alternativa na busca pelos direitos humanos fundamentais

Entrevistado: Alessandro Chiarottino, advogado e professor

Entrevista: No último dia 19 de junho, o advogado e professor Alessandro Arthur Ramozzi Chiarottino, que ensina Ciência Política, Direito Constitucional e Processo Constitucional na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (IMES), defendeu sua tese de doutorado em Direito pela USP. A tese, intitulada *John Rawls e Ronald Dworkin: em busca dos alicerces para os direitos humanos fundamentais num mundo globalizado* foi o tema da entrevista publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU de 27/06/2006.

Título: O mito do progresso e a capacidade crítica

Entrevistado: Gilberto Dupas, economista e pesquisador da USP

Entrevista: Gilberto Dupas, coordenador geral do Grupo de Conjuntura Internacional (Gacint) da Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI), acaba de lançar o livro *O Mito do Progresso*, pela Editora Unesp. A obra analisa a quem predominantemente o progresso serve e quais os riscos e custos de natureza social, ambiental e de sobrevivência da espécie que ele está provocando. O professor concedeu a entrevista à *IHU On-Line* que foi publicada nas *Notícias Diárias*, do sítio do IHU de 28/06/2006.

Título: A sociedade vai sair ganhando com a TV Digital.

Entrevistado: Valério Brittos, pesquisador da Unisinos

Entrevista: No dia 29 de junho, o Presidente Luis Inácio Lula da Silva assinou o acordo adotando o padrão de TV digital japonês para o Brasil. A redação da *IHU On-Line* ouviu novamente, em uma entrevista exclusiva, a opinião do professor Dr. Valério

Brittos, doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea e pesquisador da área de TV Digital no PPG em Comunicação da Unisinos. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 30/06/2006.

Título: A TV Digital e a pesquisa na Unisinos

Entrevistado: Alexandre Kieling, jornalista, pesquisador e professor na Unisinos.

Entrevista: *IHU On-Line* ouviu ainda sobre a TV Digital o professor e diretor do Complexo de Teledifusão de Tecnologia Educacional da Universidade, Alexandre Kieling. Ele é jornalista, professor universitário de Telejornalismo desde 1993, mestre em comunicação e especialista em cinema e vídeo. Foi autor e executor do projeto da TV Unisinos, que opera em canal interno e virtual desde 2001 e, desde 31 de julho de 2003, está operando em canal aberto para alguns municípios do Vale do Rio dos Sinos e região metropolitana de Porto Alegre. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU de 30/06/2006.

Título: Fórum Nacional de Economia Solidária. Um depoimento de Lucas Henrique da Luz, do IHU

Autor: Lucas Henrique da Luz trabalha no Programa Tecnologias Sociais, vinculado à diretoria de Ação Social da Unisinos e ao IHU.

Depoimento: Lucas da Luz esteve em Brasília na última terça-feira (27/6), participando do *Fórum Nacional de Economia Solidária*, que terminou dia 29/6. *IHU On-Line* solicitou um depoimento a ele, que falasse sobre suas impressões do evento e da importância dos temas lá debatidos. O depoimento foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU de 29/06/2006.

Também foram publicadas entrevistas nas *notícias diárias* com Hans Küng no dia 29/6 sob o título *Fanáticos há em todas as religiões*; Enrique Krause, no dia 29/6; com Carlos Monsiváis, no dia 28/6 sob o título *As eleições no México*; com Peter Sloterdijk no dia 26/6 sob o título *Copa do mundo: O que vemos na Alemanha não é nacionalismo, mas patriotismo de lazer*; com Jean Ziegler, no dia 30/6 sob o título *A dívida externa é uma corda que asfixia os mais pobres*, com Néstor Canclini, sob o título *Muito além das tortillas e de Frida Kahlo* no dia 2/07/2006.

Igualmente foram publicados o artigo “Só pela entrada de serviço” de Francisco Foot Hardman, o artigo “Os autônomos da fé” de José de Souza Martins, no dia 2-7-2006 comentando pesquisa recente do CERIS sobre o crescimento dos sem religião mas com fé. Sobre a pesquisa veja as *Notícias Diárias*, do dia 28/6.

IHU em revista

Eventos	pg. 66
Sala de Leitura	pg. 67
IHU Repórter	pg. 68
Carta do leitor	pg. 71

Vulnerabilidades e condições de saúde da população negra

Programa de combate ao racismo institucional - UNESCO

A Prof.^a Dr.^a Fernanda Lopes, do Programa de Combate ao Racismo Institucional - UNESCO fala nesta quarta-feira, 5 de julho, das 11 às 12h, na sala 1G119 do IHU, sobre *Vulnerabilidades e condições de saúde da população negra*. A entrada é franca e aberta ao público em geral.

Educação e trabalho: relação histórica e social

IHU Idéias

Esse é o tema que o Prof. Dr. Jorge Ribeiro, da UFRGS, traz para discussão no encerramento das atividades do **IHU Idéias** neste semestre, em 6 de julho. Para conferir o debate, compareça na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h. Com entrada franca, o evento é aberto a toda comunidade acadêmica. E já comece a se agendar para as próximas palestras do **IHU Idéias**. Acompanhe a programação de atividades na página do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Ribeiro, que leciona no Departamento de Educação da UFRGS, é licenciado e bacharel em História pela UFRGS, bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição e graduado em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA). Coursou mestrado em Sociologia na UFRGS. Ele doutorou-se em Sociologia da Educação na Universidade Pontifícia de Salamanca (UPSAL), na Espanha, com a tese *Pocos, buenos, bién tratados y pagados: el mercado interno de trabajo em el sector eléctrico español, 1953-1985*.

Sala de Leitura



Estou lendo no momento *A Janela de Euclides*, de Leonard Mlodinow. Geração Editorial, 2004. O livro fala da evolução histórica da geometria e conta como a geometria está presente em nossas vidas. A influência da geometria nas percepções de arte e de música, a utilização dos princípios geométricos de proporção e simetria utilizados na pintura e escultura e a geometria como base para a construção e a arquitetura, são algumas das inúmeras relações feitas pelo autor. O livro descreve essas relações com simplicidade e desperta a curiosidade do leitor para observar e fazer suas próprias correlações da geometria com o seu cotidiano, além de deixá-lo curioso para ler o parágrafo seguinte. Mesmo falando de geometria, o livro é interessante pelos aspectos da evolução histórica da ciência em que um pouco das histórias de Euclides, Descartes, Einstein são contadas de maneira prazerosa. O livro cativa a todos e não precisa ser matemático ou gostar da matemática para gostar do livro.

Prof. Dr. Jacinto Ponte Júnior, da Unidade Acadêmica de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos



Leio e releio constantemente o livro: *A Teia da Vida*, de Fritjot Capra. São Paulo: Cultrix, 2004. A obra é permeada pela perspectiva sistêmica da vida que se constitui mediante uma visão de inter-relação entre “todos” e “partes” e por conexões aparentes e, principalmente, ocultas. É interessante, pois nos propicia pensar que ações e sujeitos são ambos, articulações interdependentes dos “ambientes” e não-determinados por “eles”, o que nos leva a uma idéia de autonomia ao mesmo tempo em que nos remete a uma visão de correlações (de sobrevivência) entre os sistemas.

Prof.ª Dr.ª Susane Martins Garrido, da Unidade Acadêmica de Ciências Humanas da Unisinos

Estou lendo o livro: *Transformações da Política na Era da Comunicação em Massa*, de Wilson Gomes. São Paulo: Paulus, 2004. Os processos de mediação crescente das interações sociais atingem todos os setores e processos. Talvez nenhum outro âmbito com tanto vigor como o da política. A tal ponto que as análises políticas e a própria compreensão do espectro do que são “decisões políticas”, de governo e de sociedade, se modificam em direções insuspeitadas. O livro de Wilson Gomes trabalha exatamente sobre as características dessa transformação. Com uma formação doutoral em Filosofia e uma grande experiência nos estudos da Comunicação, o autor expõe com acuidade o estado da questão. Em uma perspectiva na qual a Comunicação é o operador principal, discute, entre outros temas, questões, como a ética, as estratégias, a política da imagem, o *theatrum politicum*, os controles políticos da comunicação – tudo isso submetido ao crivo de uma reflexão vigorosa, mediante uma argumentação rigorosamente racional.



Prof. Dr. José Luiz Braga, da Unidade Acadêmica de Ciências de Comunicação da Unisinos

Suzana Kilpp



“Anarco-existencialista-cristã” é a forma como se autodefine a professora e pesquisadora na Graduação e Pós-graduação em Comunicação da Unisinos Suzana Kilpp. A definição foi se configurando ao longo de uma existência intensamente vivida na qual os caminhos inesperados se transformaram em novas experiências e aprendizados novos. Suzana conseguiu combinar, na sua trajetória, atuação na área da saúde, atividades artísticas, produção acadêmica e literária, paixão pela sala de aula

e tantas outras coisas relatadas na entrevista a seguir.

Origens – Nasci no dia 20 de março de 1948, no município de Estrela. Meu pai era mecânico, e minha mãe cuidava da casa. Tenho uma irmã 5 anos mais velha. É a mãe de meus dois sobrinhos e avó dos meus cinco queridíssimos sobrinhos netos. A família do meu pai era de origem germânica e a da minha mãe, polonesa. Acredito que tive uma infância e adolescência muito rica em possibilidades. Estudava num colégio que me ofereceu oportunidades de fazer milhares de coisas, como estudar vários idiomas, entrar para um coral, praticar esportes, tocar piano, violão, enfim essa diversidade de atividades me abriu muitos horizontes. Com 17 anos, vim sozinha para Porto Alegre. Queria fazer Medicina, mas, no terceiro ano do Científico, conheci alguns colegas que me sugeriram não arriscar e fazer bioquímica. Então fiz Bioquímica na UFRGS. Sou formada em Farmácia e Bioquímica. Apaixonei-me pelas aulas de laboratório. E também quando tive a primeira aula de anatomia percebi que jamais poderia ser médica.

Trabalhos – Depois de formada, fui trabalhar no Hospital Espírita, em Porto Alegre junto com uma colega que estava montando um laboratório industrial. Durante dois anos, trabalhamos numa produção paralela de medicamentos. Eu tinha 22 anos. Com esta produção, que era maravilhosa, tínhamos uma linha de excelente qualidade, e os médicos aceitaram muito bem, passando a substituir a linha da indústria farmacêutica pela nossa. Naquela época, de ditadura, a grande questão na área da saúde era a indústria farmacêutica, representada no Brasil principalmente pelos americanos e alemães. Estas multinacionais vieram procurar a mim e a minha colega para fecharmos nosso laboratório, pois havia medicamentos que produzíamos com muita diferença de custo. Isso para um hospital beneficente fazia uma grande diferença. Eles tentaram fazer de tudo para que desistíssemos de nosso trabalho. Ofereceram-nos geladeira, fogão, casa, automóvel... Nós não aceitamos, mas eles ofereceram para a direção do

hospital, que aceitou. Então o laboratório fechou. Fiquei muito desgostosa com a profissão e o mercado. Nesta época, eu dava aulas no Colégio Americano, de Porto Alegre, de Bioquímica, Tecnologia dos Alimentos e Bromatologia, que é o controle de qualidade dos alimentos.

Teatro – Fiz muito teatro estudantil, desde criança. Na Casa dos Estudantes onde morei nos primeiros anos em Porto Alegre, também havia um grupo de teatro amador. Anos depois, fiz teatro de periferia. Algo muito louco na época. Com toda a censura que havia, fazíamos teatro no presídio, nas vilas populares, na Casa dos Alfaiates, no Sindicato dos Bancários, nos Diretórios Acadêmicos. Isso foi nos anos 1970. Particpei bastante da vida cultural de Porto Alegre nessa época.

Anos 1970 – Naquela época, nós vivíamos de um jeito muito diferente do que vivem os jovens hoje. Estava conversando ontem com um colega que tem por volta de 30 anos e já possui apartamento, carro e todo o conforto. Quando tinha a idade dele, minhas estantes ainda eram de caixa de maçã, as camas eram de armar ou só colchões no chão; enfim, naqueles tempos tínhamos um despojamento muito maior. Morei em casas de estudantes, que eram baratas porque nós mesmos fazíamos nossas tarefas. Depois que me formei, ainda vivi em comunidades até 1978, só depois fui morar sozinha. Neste ano, vendi tudo que eu tinha (até bicicleta e enciclopédia de arte), e dei de entrada para um apartamento. Eu podia abrir mão dos móveis, mas comprei um aparelho de som, que era a única coisa que não podia faltar...

Mestrado – Um dia, notei que o que eu gostava das aulas dadas no Americano não tinha a ver com as disciplinas, mas com dar aulas, e numa perspectiva histórica. E essa, a História, foi me interessando cada vez mais. Foi o que me levou mais tarde a procurar um mestrado em história, na PUC. Era de concentração em cultura brasileira. Achei que havia chegado a hora de teorizar sobre aquilo que vinha fazendo, visto que, além das aulas, também estava muito ligada às artes e à cultura. E de dar uma guinada mais forte na minha vida profissional, pois eu não tinha mais nada a ver com a farmácia. Depois que terminei o mestrado, a Christa Berger, na época Coordenadora da Famecos ofereceu-me a oportunidade de dar aula num curso de especialização que relacionava jornalismo, comunicação e cultura. Foi a minha primeira intervenção na vida acadêmica. Meio ano depois, a Unisinos estava procurando professor de Cultura Brasileira. Foi assim que comecei na Unisinos, em 1988. No semestre seguinte, convidaram-me para dar Estética e Comunicação de Massa.

Pesquisa – Alguns anos atrás, no antigo Centro 3, formamos um grupo de estudos da imagem na comunicação. Queríamos compartilhar nossas pesquisas e pensar alternativas para qualificar a formação de alunos na produção de imagens para as mídias. Éramos uns doze professores, e alguns trabalhavam os mesmos autores que eu (Foucault, Deleuze, Benjamin...). Dessa atividade resultou a Semana da Imagem na Comunicação, o curso de especialização em Design Gráfico e alguns projetos de pesquisa e de doutoramento. O meu doutorado e a minha pesquisa até hoje são decorrência daquelas belas e inquietas discussões.

Hobby – Gosto de ficar em casa lendo, vendo vídeos e TV. E de caminhar por algumas ruas e cenários de Porto Alegre.

Trilha Sonora – *Let it Be*, dos Beatles, e Bach, como emblema. Para ouvir muito e sempre: Marc Knopler, Egberto Gismonti e as trilhas de *Blade Runner* e *Tudo sobre minha mãe*.

Filme – *Terra Estrangeira*, do Walter Salles. Não seria o filme mais importante da minha vida, mas ele me marca na cena em que a Gal Costa canta *Vapor Barato*, uma lembrança muito forte para mim. Mas são muitos os filmes... Sem dúvida, *Tempos modernos* (Chaplin), *Mulheres à beira de um ataque de nervos* (Almodóvar) e *Ladrões de sabonete* (Nichetti) estão na lista.

Livro – Durante muito tempo, meu livro de cabeceira foi *Aventuras de Alice no país das maravilhas através do espelho e o que ela encontrou lá*, de Lewis Carroll. Não sei dizer por quê. Inesquecíveis: em ficção, *A casa dos espíritos* (Isabel Allende), e em Sociologia, *Enamoramento e amor* (Francesco Alberoni).

Autor preferido – Alberoni e Walter Benjamin...

Um grande sonho – Não perder a vontade de sonhar.

Um presente – Uma boa aula, uma boa pergunta, um bom argumento. Um gesto amigo. Uma boa noite de sono.

Uma grande paixão – Uma história “contada” de maneira instigante. Literatura-Cinema- Música-História. Assim, sem hierarquia. Entre.

Eleições – Costumo anular o voto, e evitá-lo sempre que posso. Não acredito no sistema representativo: ninguém representa ninguém. Além disso, ainda que ela possa ser menos ruim do que outras, a democracia é também uma ditadura – a da maioria. Prefiro o dissenso ao consenso. Prefiro os anti-sistemas, a auto-regulação. Sou uma anarco-existencialista cristã.

Unisinos – A Unisinos tem vários significados pra mim. Ela me conecta com pessoas, tenho amigos que fiz aqui e que foram relações importantes para mim, afetivamente e intelectualmente. Eu adoro os alunos da Unisinos, tenho uma relação muito boa com eles. A Unisinos é uma instituição que se realiza num ambiente às vezes demasiadamente tenso; mas também reconheço ações promovidas no sentido da melhoria da qualidade de vida (saúde, previdência, cultura...) dos professores e dos funcionários, assim como a assistência a alunos com certas dificuldades. Ah! e eu adoro esse *campus*. E acho que, em geral, temos condições de trabalho bastante boas, se comparadas com as de outras universidades.

Instituto Humanitas Unisinos – O IHU é algo muito interessante. Identifico-me com as inquietações que o impulsionam. O Instituto produz diferença, e consegue realizar várias coisas ímpares dentro da Universidade.

Errata

Dain Borges, porto-riquenho, historiador e professor na Universidade de Chicago, entrevistado na última edição, no. 186, 26-6-2006, sobre Michel de Certeau, não é jesuíta.